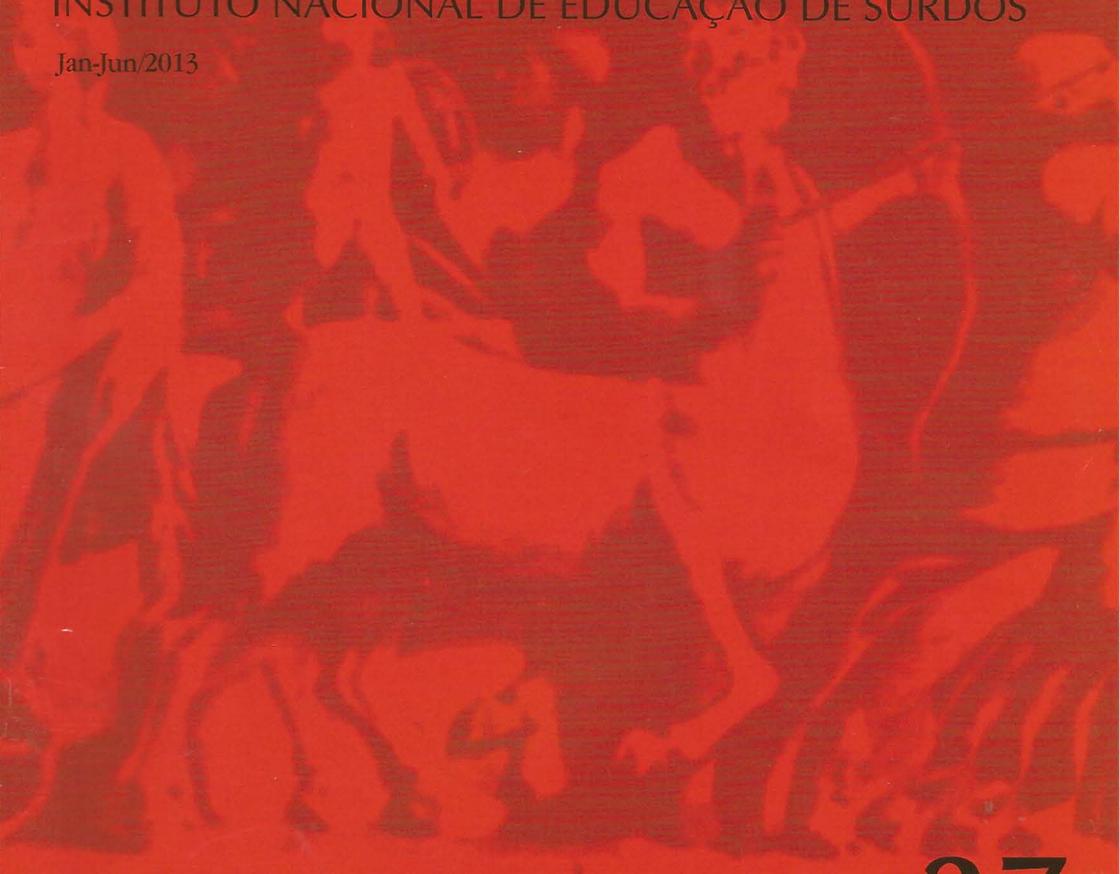


# ARQUEIRO

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Jan-Jun/2013





# ARQUEIRO©

## 27

Jan-Jun/2013

Instituto Nacional de Educação de Surdos

Comissão Editorial

Rua das Laranjeiras, nº 232 — 3º andar  
Rio de Janeiro — RJ — Brasil — CEP: 22240-003  
Telefax: (0xx21) 2285-7284 / 2205-0224  
E-mail: conselhoeditorial@ines.gov.br

# ARQUEIRO

ISSN 1518-2495

GOVERNO DO BRASIL  
PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Dilma Vana Rousseff

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Aloizio Mercadante

INSTITUTO NACIONAL DE EDUCAÇÃO DE SURDOS

Solange Maria da Rocha

DEPARTAMENTO DE DESENVOLVIMENTO HUMANO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO

Maria Inês Batista Barbosa Ramos

COORDENAÇÃO DE PROJETOS EDUCACIONAIS E TECNOLÓGICOS

Mônica Azevedo de Carvalho Campello

DIVISÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS

Nadia Maria Postigo

EDIÇÃO

Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES

Rio de Janeiro – Brasil

VERSÃO EM LIBRAS

Adilson Magarão Buze

Camila Lopes Nascimento

Elaine Maria de Lima Bulhões

Priscilla Fonseca Cavalcante

PRODUÇÃO DA VERSÃO EM LIBRAS

Laboratório de Novas Tecnologias Flausino José da Gama - INES

PROGRAMAÇÃO VISUAL / DIAGRAMAÇÃO DESTA EDIÇÃO

Avellar e Duarte

IMPRESSÃO

Imprimindo Conhecimento

TIRAGEM

4.000 exemplares

CONSELHO EDITORIAL

Camila Lopes Nascimento

Gilmara Almeida dos Santos

Maria de Fátima dos Santos Cardoso

Mônica Azevedo de Carvalho Campello

Paulo Roberto do Nascimento

Priscilla Fonseca Cavalcante

Sarah Miglioli da Cunha Alves

Simone Ferreira Conforto

REVISÃO

Revisão Técnica: Maria de Fátima dos Santos Cardoso

Revisão Editorial: Avellar e Duarte/Fátima Souza de Oliveira

Arqueiro / Instituto Nacional de Educação de Surdos. —

Vol. 1 (jan./jun. 2000) — . — Rio de Janeiro : INES,  
2000—

v. : il. ; 21 cm.

Semestral

ISSN 1518-2495

1. Surdos — Educação. I. Instituto Nacional de Educação  
de Surdos (Brasil).

CDD — 371.912

## Sumário

---

<b>Editorial</b>	<b>5</b>
<b>A atuação do intérprete de Língua Gestual Portuguesa no contexto do ensino superior universitário e politécnico</b>	<b>7</b>
Cláudia Rubim Orquídea Coelho Rui Trindade	
<b>Trabalho cooperativo de investigadores surdos e ouvintes – Projetos <i>Spread the Sign</i> e <i>PLACES</i></b>	<b>20</b>
Fernanda Bettencourt Sara Pinho Sara Sousa Orquídea Coelho	
<b>O Dicionário <i>on line Spread the Sign</i>: integração internacional de um recurso digital para a educação dos surdos</b>	<b>28</b>
Ruth Mariani Braz Cristina Delou Claudia Rubim Jorge Manuel Ferreira Pinto Helena Carla Castro	
<b>Desenvolvimento e implementação de material bilingue de Ciências Naturais para alunos surdos</b>	<b>38</b>
Paula São Pedro Miguel Augusto Santos	
<b>Aconteceu</b>	<b>47</b>
<b>Normas para publicação na revista Arqueiro</b>	<b>51</b>



## Editorial

---



Neste número 27 da revista Arqueiro, apresentamos ações desenvolvidas em Portugal relacionadas à educação de surdos, à interpretação da língua gestual e a dicionários de língua gestual/de sinais, em quatro artigos escritos por pesquisadores e profissionais lusitanos.

O primeiro deles, de Cláudia Rubim, Orquídea Coelho e Rui Trindade, intitulado *A atuação do intérprete de Língua Gestual Portuguesa no contexto do ensino superior universitário e politécnico*, traz reflexões sobre a atuação do intérprete de Língua Gestual Portuguesa e as funções que este exerce junto a estudantes surdos que frequentam o ensino superior. Diversas questões são levantadas acerca da necessidade de se investigar as especificidades da atuação do intérprete e as novas configurações que a entrada deste profissional no campo da educação promove neste espaço.

O segundo artigo desta edição, *Trabalho cooperativo de investigadores surdos e ouvintes: projetos Spread the Sign e PLACES*, de autoria de Fernanda Bettencourt, Sara Pinho, Sara Sousa e Orquídea Coelho, relata o trabalho em equipe de tradutores-intérpretes junto a surdos falantes nativos em Língua Gestual Portuguesa em dois projetos de investigação quanto à acessibilidade para pessoas surdas: o *Spread The Sign*, projeto europeu para construção de um dicionário multilíngue, digital e *on line*, e a Plataforma de Acessibilidade da Universidade do Porto — PLACES, projeto de sistematização e difusão de práticas de produção de informação acessível para surdos.

Em *O Dicionário on line Spread the Sign: integração internacional de um recurso digital para a educação dos surdos*, Ruth Mariani, Orquídea Coelho, Cristina Delou, Cláudia Rubim, Jorge Manuel Ferreira Pinto e Angela Castro trazem um levantamento acerca dos dicionários gestuais/de sinais e da importância do dicionário online *Spread the Sign* para a criação de termos científicos nas subáreas de Ciências Biológicas na comunidade acadêmica surda e ouvinte, em Portugal e no Brasil.

Por último, mas não menos importante, o artigo de Paula São Pedro e Miguel Augusto Santos, *Desenvolvimento e implementação de material*

*bilíngue de Ciências Naturais para alunos surdos* discorre sobre o trabalho de uma equipe educacional no projeto de criação de material bilíngue de Ciências Naturais para surdos e destaca o papel que a Língua Gestual exerce na formação de sentido e na consequente estruturação do pensamento dos alunos surdos.

Fechando esta edição, a seção *Aconteceu* relata a troca de experiências vivenciada em Portugal, trazendo informações sobre a visita técnica que a equipe de profissionais do INES realizou ao Instituto Jacob Rodrigues Pereira em Lisboa, sobre a participação no II Congresso Internacional de Educação de Surdos, também em Lisboa, e sobre a palestra que proferiram no Agrupamento Vertical Eugénio de Andrade, escola de referência para a educação bilíngue de alunos surdos, na cidade do Porto.

Boa leitura!

**Nota do editor:** Neste número da *Arqueiro* trazemos uma novidade: cada artigo da revista terá um código QR (sigla do inglês *Quick Response*). O código bidimensional pode ser facilmente escaneado usando tablet, que conduzirá, você leitor, para a versão em Libras na internet do conteúdo correspondente. De agora em diante, todos os números da *Arqueiro* serão providos dos códigos QR, permitindo o acesso pleno das informações sobre práticas na Educação de Surdos.

# A atuação do intérprete de Língua Gestual Portuguesa no contexto do ensino superior universitário e politécnico

---

*CIEE — Centro de Investigação e Intervenção Educativas  
— Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
— Universidade do Porto*



*Cláudia Rubim<sup>1</sup>*

*Orquídea Coelho<sup>2</sup>*

*Rui Trindade<sup>3</sup>*

## Resumo

O Intérprete de Língua Gestual assume-se como um intermediário, um facilitador da comunicação entre indivíduos que possuem línguas e culturas diferentes, dirigindo e controlando as interações que vão emergindo, envolvendo-se num processo de variadas significações. A presença de um intérprete de Língua Gestual Portuguesa (LGP), dentro de uma sala de aula, é reflexo do respeito pela condição linguística do surdo, e através deste aumentam-se as suas possibilidades de desenvolvimento e de construção de novos conhecimentos. Neste artigo pretende-se refletir sobre a atuação do Intérprete de LGP que exerce funções junto de estudantes surdos que frequentam o Ensino Superior. Nesse sentido faz-se alusão às fragilidades sentidas por este profissional na sua prática quotidiana, apontando soluções no sentido de proporcionar a esses estudantes um acesso digno e efetivo ao Ensino Superior Universitário e Politécnico.

**Palavras-chave:** Intérprete de Língua Gestual Portuguesa (ILGP). Inclusão. Estudante surdo. Ensino Superior Universitário e Politécnico.

## Introdução

Ao longo do tempo foram adotados diferentes modelos educativos para os alunos surdos, segundo as correntes educativas em vigor e os contributos fornecidos pelos estudos científicos, procurando ajustar a pessoa surda ao

---

<sup>1</sup> E-mail: [rubimclaudia@gmail.com](mailto:rubimclaudia@gmail.com).

<sup>2</sup> E-mail: [orquidea@fpce.up.pt](mailto:orquidea@fpce.up.pt).

<sup>3</sup> E-mail: [trindade@fpce.up.pt](mailto:trindade@fpce.up.pt).

modelo ouvinte. No entanto, tem-se verificado alguma controvérsia relativamente ao modelo mais adequado para estes alunos.

Na opinião de Skliar (1997), a proposta bilíngue será aquela que assegura aos surdos as mesmas possibilidades psicolinguísticas dos ouvintes, numa realidade bicultural, permitindo-lhes desenvolver a sua identidade cultural e, através dela, aproximar-se da cultura ouvinte. O bilinguismo para surdos atravessa a fronteira linguística e inclui o desenvolvimento da pessoa surda dentro da escola e fora dela, numa perspetiva socioantropológica (COELHO e CABRAL, 2006). A aplicação prática deste modelo não é pacífica, exige reflexão e uma cuidadosa formação dos profissionais. Vários autores (Lane, 1992; Vieira Ferreira, 1993; Amaral e Coutinho 1994; Quadros, 1997; Sá 1999; Skliar, 1999; Svartholm, 1998; Goldfeld, 2002; Tété Gonçalves, 2005; Coelho e Cabral, 2006; Afonso 2007) defendem que uma filosofia bilíngue e bicultural possibilita à criança surda construir uma imagem positiva enquanto sujeito surdo, sem perder a possibilidade de se integrar numa sociedade maioritariamente ouvinte. Deste processo emerge a oportunidade de melhorar o respeito mútuo entre surdos e ouvintes, através de uma compreensão mais profunda das diferenças e semelhanças das suas vivências, em direção a uma melhor participação das duas culturas (MASON, 1995).

A garantia de igualdade no acesso e nos resultados é um objetivo da educação inclusiva e a vantagem de incluir alunos com necessidades educativas especiais em turmas regulares é defendida por diversos autores (SANCHES FERREIRA, 2007). Deste modo, surge a publicação do Decreto-Lei 3/2008, de 7 de janeiro (retificado pela Lei 21/2008, de 12 de maio) que define os apoios especializados a prestar na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário dos sectores público, particular e cooperativo. Este Decreto-Lei visa criar condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com deficiências ou incapacidades, garantindo a esses alunos o acesso e sucesso educativo aumentando os seus níveis de participação. A presente Lei faz referência à inclusão de todos os alunos, à diversidade, à flexibilidade e à adaptação das respostas educativas; estabelecendo a criação, no artigo 23, das Escolas de Referência para a Educação Bilíngue de Alunos Surdos (EREBAS) e reconhecendo a Língua Gestual Portuguesa (LGP) como sua primeira língua. Esta Lei refere que a educação dos alunos surdos deverá acontecer em “*ambientes bilíngues que possibilitem o domínio da LGP, o domínio do português escrito e, eventualmente, falado, competindo à escola contribuir para o crescimento linguístico dos alunos surdos, para a adequação do processo de acesso ao currículo e para a inclusão escolar e social*” (Decreto-Lei 3/2008). Mencionando ainda que para que o desenvolvimento da LGP e do ensino e aprendizagem aconteçam, é necessário fomentar a “*concentração dos alunos surdos, inseridos numa comunidade linguística de referência e num grupo de socialização constituído por adultos,*

*crianças e jovens de diversas idades que utilizam a LGP*” (Decreto-Lei 3/2008). As EREBAS têm como objetivo aplicar metodologias e estratégias de intervenção interdisciplinares, adequadas a alunos surdos. Estas escolas integram os seguintes profissionais: Docentes com formação especializada em educação especial, na área da surdez, competentes em LGP (docentes surdos e ouvintes dos vários níveis de educação e ensino), com formação e experiência no ensino bilíngue de alunos surdos; Docentes de LGP, Terapeutas da fala e Intérpretes de LGP.

Ao intérprete de LGP compete fazer a tradução da língua portuguesa oral para a língua gestual portuguesa e da língua gestual portuguesa para a língua oral das atividades que na escola envolvam a comunicação entre surdos e ouvintes, bem como a tradução das aulas leccionadas por docentes, reuniões, ações e projetos resultantes da dinâmica da comunidade educativa. (Decreto -Lei 3/2008).

Em relação ao Ensino Superior em Portugal, a Universidade do Porto (UP) tem sido desde o ano letivo de 2008/2009, um exemplo de boas práticas, na medida em que é a única instituição de Ensino Superior (ES) que garante, aos seus estudantes surdos, os serviços de intérprete nas salas de aula, em tutorias e em encontros científicos (COELHO, 2010). Deste modo a UP tem chamado a si vários estudantes surdos, sendo a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UP aquela que tem vindo a reunir um maior número de estudantes surdos, quer nos cursos de licenciatura, de pós-graduação, Mestrado, Doutoramento, quer em projetos Internacionais de Investigação.

## **Impacto da língua gestual na educação e na afirmação pessoal e social dos surdos**

A linguagem possui um papel central no conhecimento, na expressão do pensamento e na constituição da subjetividade. Sem esta, o ser humano não teria condições para interagir social e cognitivamente no seu meio. No entanto, a noção de língua surge associada a um fenómeno complexo e multiforme incluindo fatores físicos, psicológicos e sociais. Saussure (1915:25, cit in Campos, 2005) define-a como “um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adoptadas pelo corpo social, a fim de permitir o exercício da palavra pelos indivíduos”. A Língua é assim entendida como um produto social, não dependendo do indivíduo. Diversos autores referem a existência de uma correlação entre língua e cultura, explicável unicamente em conjunto. Segundo Caune (1995:6, cit. in Campos, 2005) “uma não se explica sem a outra (...) o que faz com que um fenómeno de cultura funcione

também como um processo de comunicação e que um modo de comunicação seja igualmente uma manifestação de cultura”.

A Língua Gestual (LG) é a língua da comunidade surda, de “produção manuo-motora e recepção visual, com vocabulário e organização próprios, que não deriva das línguas orais, nem pode ser considerada como sua representação” (AMARAL, COUTINHO e MARTINS, 1994). Tal como as línguas orais, a língua gestual é considerada como um sistema linguístico utilizando uma modalidade de produção motora — as mãos, a face, o corpo — bem como uma modalidade de percepção visual. Conferindo-lhes um estatuto diferente das outras línguas. Trata-se de uma “língua visual” (QUADROS, 1997, 2003, ESTANQUEIRO, 2006), que expressa as experiências visuais características da comunidade surda.

O que é importante é ver, estabelecer as relações de olhar (que começam na relação que os pais surdos estabelecem com os seus bebês), usar a direção do olhar para marcar as relações gramaticais, ou seja, as relações entre as partes que formam o discurso. O visual é o que importa. A experiência é visual desde o ponto de vista físico (os encontros, as festas, as estórias, as casas, os equipamentos...) até o ponto de vista mental (a língua, os sonhos, os pensamentos, as ideias...). Como consequência é possível dizer que a cultura é visual. As produções linguísticas, artísticas, científicas e as relações sociais são visuais. O olhar se sobrepõe ao som mesmo para aqueles que ouvem dentro de uma comunidade surda (QUADROS, 2003).

Admitindo e aceitando que a LGP é a língua natural da criança surda portuguesa, língua tão rica e complexa como qualquer outra língua vocal, o contexto deve proporcionar à criança surda a oportunidade da mesma estar exposta o mais precocemente possível à LGP e criar condições de interação em diferentes meios sociais e linguísticos, na comunidade de surdos e de ouvintes (SIM-SIM, 2005, BAPTISTA, 2010). A LGP como primeira língua da criança surda permitirá estruturar o pensamento bem como desenvolver a sua identidade em contacto com outras crianças e surdos adultos (ESTANQUEIRO, 2006).

A LGP possibilita à criança surda o conhecimento do mundo que a rodeia, permitindo uma aculturação à comunidade surda a partir do momento que este contacto se estabeleça (SILA, 2010). Esta ideia é corroborada pelos autores Pacheco e Caramelo (2005:53) que defendem que se a identidade pessoal positiva for trabalhada desde a infância, então “trabalha-se na afirmação de uma identidade social e cultural que se vai assumindo como essencial para a instituição de uma cultura surda.”

Considerar a LG como primeira língua, permite que os surdos se narrem enquanto pessoas Surdas, emergindo a possibilidade para a construção identitária, bem como para se afirmar a procura “do direito do indivíduo Surdo ser diferente nas questões sociais, políticas e económicas que envolvem o mundo do trabalho, da saúde, da educação, do bem-estar social” (PERLIN, 1998: 71).

Um dos objetivos do bilinguismo de acordo com Cabral e Coelho (2006) é promover a aprendizagem da LG nos meios educativos bilíngues, uma vez que a maioria dos surdos nascem no seio de famílias ouvintes e deste modo a sua “imersão linguística e cultural” no mundo é feita através da cultura ouvinte (AFONSO, 2007). A importância da escola no desenvolvimento da socialização dos surdos é evidente, no entanto “para os jovens Surdos, a escola é menos um local de atividades para a incorporação de conhecimentos académicos e mais um ponto de encontro, uma oportunidade de contacto com outros surdos” (GÓES, 1996:20, cit. in Afonso, 2007:73). O contacto entre pares, desde que assegurado o acesso à LGP, possibilita alcançar o bilinguismo.

Deste modo, os Surdos têm direito a um “estatuto digno, de alguém com pleno direito a ter acesso à educação através da sua própria língua, e a desempenhar com competência e realização pessoal um papel ativo no mundo maioritariamente ouvinte no qual se integra.” (COELHO, CABRAL e GOMES, 2007). Para tal é necessária a presença do tradutor e intérprete de LGP, nos contextos educativos, para mediar situações dialógicas entre pessoas surdas e ouvintes, que possuem línguas diferentes. O Intérprete de LGP, de acordo com Coelho (2010:69) possui um “papel de facilitador da comunicação entre surdos e ouvintes”. A figura do Intérprete de LG no contexto educativo emerge na proposta bilíngue, uma vez que é por meio deste, na generalidade dos contextos educacionais, que o estudante Surdo tem acesso aos conteúdos lecionados respeitando-se a sua língua primeira — uma Língua Gestual.

## **O intérprete de língua gestual no contexto educativo**

Entre os profissionais que atuam de modo a efetivar a filosofia da escola inclusiva bilíngue, surge o Intérprete de Língua Gestual, com responsabilidade no processo de ensino/aprendizagem dos alunos surdos, agindo diretamente no campo da tradução/interpretação dos discursos produzidos entre educadores e educandos, sejam estes de ouvinte para surdo ou de surdo para ouvinte. Para Masutti (2007) o trabalho do intérprete de língua gestual fundamenta-se na incansável e dinâmica procura pela equivalência entre o que se organiza como material visual (línguas gestuais) e o que se organiza como material fonético

(línguas vocais). Trata-se de um ato bastante complexo como se pode comprovar na afirmação de Quadros, na medida em que o Intérprete de Língua Gestual

[...] processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas na língua alvo que devem se aproximar o mais apropriadamente possível da informação dada na língua fonte. Assim sendo, o intérprete também precisa ter conhecimento técnico para que suas escolhas sejam apropriadas tecnicamente. Portanto, o ato de interpretar envolve processos altamente complexos. (2004, p.27).

As áreas de atuação do intérprete de língua gestual são diversas. Este pode atuar, entre outros, em eventos (palestras, congressos, seminários, fóruns, encontros), em instituições de ensino, na área da saúde (consultas), nos contextos legais (tribunais, polícia), no contexto religioso (cerimônias religiosas), em atividades culturais (teatro, turismo, concertos) e nos meios de comunicação social (televisão). No entanto e de acordo com Quadros (2004) a área de atuação mais requisitada atualmente, é da educação. Quando este profissional atua num meio educativo é denominado de Intérprete Educacional (QUADROS, 2004 e TUXI, 2009), entendido como aquele que traduz e interpreta o conteúdo apresentado pelo professor.

As salas de aula são cenários culturais complexos, sendo necessário que os professores e os intérpretes os entendam como tal, dado que a aprendizagem é um processo intelectual mediado socialmente. Isto significa que a aprendizagem depende largamente da comunicação entre professor e aluno, bem como entre alunos (MATHER, 2005), de tal forma que o intérprete é responsável por estar atento e compreender as dificuldades dos alunos surdos e mediar de modo a favorecer a construção de conhecimentos.

A inserção do Intérprete de LGP nas EREBAS tornou-se obrigatória a partir do Decreto-Lei 3/2008, porém esta presença levanta muitas questões relativamente ao seu papel. Uns creem que o intérprete deverá atuar como um “professor particular” do aluno surdo, outros questionam a neutralidade da sua tradução assim como do seu conhecimento na área específica a ser traduzida. Deste modo, torna-se necessário desmistificar a imagem/papel que este profissional ocupa dentro de um contexto educativo bilíngue e bicultural, contribuindo para a sua clarificação e definição.

No entanto, quando falamos de tradução e interpretação falamos de dois processos linguísticos e culturais particulares — o da língua fonte e o da língua alvo. O Intérprete de Língua Gestual deverá ter um conhecimento profundo das duas línguas em uso, com suas características culturais, e com competência profissional na área de tradução e interpretação. Essa competência está intimamente relacionada a uma capacidade de compreensão e adequação discursiva.

Este Intérprete tem o dever de exercer a sua profissão com o máximo de responsabilidade e qualidade, pois disso depende a contribuição para a comunicação eficaz, o acesso à informação e educação do aluno surdo.

Pereira (2008, cit. in Camargo, 2012) faz alusão à necessidade de uma boa qualificação do Intérprete, referindo que esta deverá estar associada ao conhecimento da língua, mas também a competências específicas como a fluência e proficiência linguística. A mesma autora considera o intérprete como um sujeito que se desdobra de acordo com a posição que ocupa na sua atuação (comunicante, enunciador, destinatário ou interpretante).

Todavia a sua presença no espaço escolar não pode ser vista como um ‘remédio milagroso’ que soluciona todos os problemas educativos do aluno surdo. Como afirma Lacerda (2002) *“[a] presença do intérprete em sala de aula e o uso da língua de sinais não garantem que as condições específicas de surdez sejam contempladas e respeitadas nas atividades pedagógicas”*.

Uma vez que o intérprete conhece bem os alunos surdos e a sua língua, pode colaborar com o professor, trabalhando em parceria com o intuito de se alcançar uma educação e aquisição de conhecimentos mais eficaz (CORDOVA, 2009), construindo-se deste modo, uma prática pedagógica mais adequada às necessidades dos alunos surdos, dentro de uma perspectiva bilíngue e bicultural. Não se trata de ocupar o papel do professor, mas trabalhar em colaboração com vista a um objetivo comum (ANTIA e KREIMEYER, 2001, cit. in Lacerda 2010).

Parece-nos evidente que o Intérprete de LG possui uma função importante no meio escolar, logo o seu papel e formas de atuação merecem maior reflexão e compreensão. Com efeito, é essencial que o Intérprete educacional esteja inserido numa equipa educacional (LACERDA, 2010), clarificando-se o papel e responsabilidades de cada profissional que trabalha no meio educativo com os alunos surdos.

De acordo com alguns autores (LACERDA e POLETTI, 2004; KELMAN, 2005; TUXI, 2009; BAPTISTA, 2010), aspirando ao melhor desenvolvimento do aluno surdo, é indispensável que o professor e o intérprete desenvolvam uma parceria de trabalho. Se os temas discutidos em aula forem anteriormente debatidos entre eles, por exemplo, o intérprete poderá desempenhar melhor o seu trabalho de tradução, este poderá também dar o seu contributo ao professor fazendo *“comentários específicos relacionados à linguagem da criança, à interpretação em si e ao processo de interpretação quando estes forem pertinentes para o processo de ensino-aprendizagem”* (QUADROS, 2004, p. 62). Esse movimento dialético abre espaço para a reflexão da práxis que certamente a tornará mais consciente e eficaz.

Apesar de ainda não existir uma distinção formal entre as áreas de atuação dos intérpretes de LG, esta vem-se distinguindo de acordo com a formação, experiência, afinidade e conhecimento da área onde este atua. É importante

destacar que a natureza de qualquer profissão está estreitamente relacionada com o seu campo de atuação, na medida em que as inferências desenvolvidas e as necessidades sentidas no quotidiano são significativas e evidentes. Para Quadros *“[t]al distinção contribui para o esmero profissional, uma vez que é fato a impossibilidade de uma pessoa dominar todos os conhecimentos existentes no mundo, daí a busca pela especialização por áreas de atuação por parte de quem exerce esta profissão”* (2004, p. 35).

## **Dilemas da atividade interpretativa no ensino superior universitário e politécnico**

Devido às mudanças legislativas e educacionais ocorridas em Portugal, um número crescente de estudantes surdos acede ao Ensino Superior, sendo que, maioritariamente, necessitam do serviço de Intérpretes LGP. Porém a presença destes profissionais dentro de uma sala de aula, não é sinónimo de participação idêntica à dos estudantes ouvintes. Vários autores (SCHICK, WILLIAMS e KUPERMINTZ, 2005, cit. in Napier, 2010) referem que os estudantes surdos quando comparados com os estudantes ouvintes poderão ser “deixados para trás”, na medida em que recebem o conhecimento de forma indireta através do intérprete. Todavia, deve-se salientar que este universo surdo é dotado de particularidades que devem ser tidas em conta por todos os implicados no trabalho educativo, com vista a uma inclusão real. Os estudantes surdos necessitam de apoio visual nas aulas (através de apresentações em PowerPoint ou recurso idêntico), pois o recurso à imagem é-lhes essencial na aprendizagem, pelo que também o uso de esquemas, fotografias, mapas mentais, desenhos, entre outros, constituem ferramentas essenciais para o sucesso. Estas ideias são defendidas por diversos autores tais como Cuxac (2004), Zimmerman (2007) e Correia (2010), que consideram fundamental a apresentação e representação visual do saber. O acesso antecipado ao material que será utilizado pelos docentes nas suas aulas é também uma prática inclusiva para esses estudantes, bem como o material escrito relativo ao conteúdo das mesmas.

Os estudantes surdos ingressam nas universidades com diferentes níveis de proficiência quer na LGP, quer na Língua Portuguesa (LP), e a grande maioria necessita de apoio tutorial extra aulas, para orientação na leitura, análise e interpretação dos textos de apoio das diversas unidades curriculares.

Alguns autores (MOURA e HARRISON, 2010), defendem que seria útil a existência de uma pessoa ocupada da inclusão do estudante surdo dentro das universidades, alguém fluente em LG, com conhecimento aprofundado sobre a língua e cultura surdas, bem como possuir consciência das necessidades educativas destes estudantes, relacionadas com a LG e a escrita do português como segunda língua.

Atendendo à noção de que a construção do conhecimento possui sempre um carácter social, dependendo da qualidade das interações/relações que se estabelecem entre os seres humanos, no caso particular dos estudantes surdos, esse desenvolvimento torna-se ímprobo pelo facto destes possuírem experiências sociais limitadas, devido à barreira linguística existente entre estudantes surdos/estudantes ouvintes e estudantes surdos/docentes. Compete então ao Intérprete ser a ponte comunicacional dentro do contexto das universidades.

O Intérprete de LGP que exerce a sua função no ensino superior enfrenta vários dilemas. Depara-se com a tradução e interpretação de diversas unidades curriculares com conteúdos que desconhece, com a grande densidade e complexidade de discurso produzido pelos docentes, exigindo o uso da dactilologia gestual constante, devido ao facto de não existir o equivalente gestual para a tradução. O intérprete de LG utiliza deste modo diversas estratégias linguísticas para lidar com o desconhecimento do discurso.

Um outro aspeto prende-se com a escolha da melhor técnica a utilizar na sua tradução, de modo a proporcionar um acesso fiel à informação. O estudante surdo poderá ter necessidade de conhecer um termo específico e essencial, de determinada unidade curricular, e o Intérprete de LGP terá de optar por introduzir esse termo de forma literal, através da dactilologia, ou de efetuar uma interpretação conceptual e significativa do mesmo. Todavia, não é suficiente realizar uma tradução direta das palavras, uma vez que o contexto sociocultural pode alterar a forma como certas expressões são compreendidas, deste modo é necessário que o Intérprete procure na sua tradução o equivalente linguístico e cultural. O Intérprete de LG deverá possuir ferramentas para determinar o significado do discurso e encontrar a melhor forma de traduzir a mensagem de maneira significativa para o estudante surdo.

Torna-se indispensável, neste grau de ensino, um nível elevado de proficiência linguística, o mais adequado e qualificado para este contexto. O intérprete de LG deverá ainda ser expressivo, assertivo e inevitavelmente, devido ao tempo que passa em contacto com o estudante surdo, desenvolver um bom relacionamento profissional com o mesmo. Outra necessidade será o domínio de pelo menos uma língua estrangeira, pois no contexto do ensino superior surgem muitas vezes aulas, seminários ou palestras com professores estrangeiros provenientes de outras universidades, e o intérprete vê-se forçado a efetuar a sua tradução diretamente de uma língua estrangeira, para a LGP.

O ensino superior tem como objetivos promover a investigação e a criação do saber, propondo-se a assegurar uma sólida preparação científica, intelectual e cultural, permitindo uma formação técnica que habilite os estudantes, para o exercício de atividades profissionais e culturais, fomentando o desenvolvimento das capacidades de conceção, inovação, bem como a análise crítica. Desta forma,

torna-se fundamental questionar se os contextos “inclusivos” abraçam verdadeiramente a diversidade, os diferentes estilos de aprendizagem e necessidades, uma vez que a presença do intérprete pode dissimular uma inclusão que exclui.

### **Em jeito de conclusão**

Este trabalho surge com o propósito de fomentar a reflexão sobre a atuação do intérprete de LG no contexto de Ensino Superior, apontando algumas das fragilidades sentidas por este profissional. Não obstante, ainda há muito a ser compreendido e explorado, com vista a mudanças mais efetivas. Constata-se que existem diversas questões a serem investigadas e corrigidas no que concerne ao trabalho dos intérpretes de LG. Apresenta-se como exemplo, a necessidade de conhecimento antecipado dos conteúdos das unidades curriculares a serem ministrados, com a finalidade de o intérprete conhecer o léxico específico e ser capaz de preparar a sua tradução de forma mais rigorosa e exata, pois um erro de tradução pode conduzir o estudante surdo por caminhos distintos daqueles que são pretendidos.

A profissão de intérprete de LG exige grande competência, uma postura ética, dedicação, disciplina, perseverança e atualizações constantes, através de cursos de formação. Estes tornam-se indispensáveis e deverão incluir uma contínua atualização ligada aos acontecimentos sociais do quotidiano, o domínio de novas expressões e vocábulos (neologismos) quer da LP, quer da LGP, conhecer os termos da gíria, da medicina, das tecnologias de informação e comunicação, das artes, das ciências, do desporto, bem como de outras ciências e áreas de conhecimentos e/ou profissionais. É também fundamental o contacto com a comunidade surda, particularmente a convivência com outros estudantes do Ensino Superior surdos, no sentido da apreensão de novos gestos da LGP. A participação em encontros de partilha de experiências e dificuldades, entre os intérpretes a exercer funções no Ensino Superior, seria extremamente proveitosa para o aperfeiçoamento do trabalho de tradução e interpretação nesses contextos.

Manifestamente é essencial investigar e conhecer as especificidades e o espaço de atuação do intérprete de LGP, uma vez que a entrada deste profissional no campo educativo implica uma nova configuração desse espaço e um conseqüente ajuste dos papéis dos vários intervenientes (docente, aluno surdo, intérprete).

Espera-se que este trabalho promova uma conscienciatização de alguns aspetos relacionados com a tradução e a interpretação no contexto do Ensino Superior Universitário e Politécnico, e que auxilie no trilho de melhores práticas educativas para todos aqueles que se empenham em proporcionar aos estudantes surdos condições de acessibilidade e de sucesso.

## Referências bibliográficas

- AFONSO, Carlos. *Reflexões sobre a surdez: a educação de surdos e a problemática específica da surdez*. Vila Nova de Gaia: Gailivro, 2007.
- AMARAL, Maria Augusta, COUTINHO, Amândio, & MARTINS, DELGADO, Maria Raquel. *Para uma gramática da Língua Gestual Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1994.
- BAPTISTA, Madalena. *Alunos surdos: aquisição da Língua Gestual e ensino da Língua Portuguesa*. Exedra, 2010, 9: 197 — 207.
- CABRAL, Eduardo & COELHO, Orquídea. *Uma língua nas nossas mãos: argumentos para uma educação bilingue dos surdos*. In: Rosa Bizarro e Fátima Braga (Orgs.). *Formação de professores de línguas estrangeiras: Reflexões, estudos, experiências*. Porto: Porto Editora, 2006, 215-221.
- CAMARGO, Ana Claudia. Concurso público para intérprete educacional: saberes determinados para os candidatos — conjuntura nacional. In: Neiva Albres & Vânia Santiago (Org.). *Libras em Estudo: tradução/interpretação*, (pp. 75-107). São Paulo: Editora FENEIS, 2012.
- COELHO, Orquídea. A abordagem bilingue. Fundamentos, implicações, modalidades e intervenientes. In: Orquídea Coelho (Coord.). *Um copo vazio está cheio de ar. Assim é a surdez* (p. 17-100). Porto: Livpsic, 2010.
- COELHO, CABRAL E GOMES, Surdos e ouvintes, mais do que uma língua em cada língua. In: Rosa Bizarro (Org.). *Eu e o outro: Estudos multidisciplinares sobre identidade(s), diversidade(s) e práticas interculturais*. Porto: Areal Editores, 2007. p. 376-384.
- COELHO, Orquídea (Coord.). *Perscrutar e escutar a surdez*. Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, 2005.
- CORREIA, Fátima Sá. Para uma filosofia gestual. In: Orquídea Coelho (Coord.). *Um copo vazio está cheio de ar. Assim é a Surdez* (pp. 149-211). Porto: Livpsic, 2010.
- CUXAC, Christien. Phonétique de la LSF: Une formalisation problématique. *Silexicales* — La Linguistique de la LSF: Recherches actuelles. 2004, 4, p. 93-113.
- ESTANQUEIRO, Paula. Língua Gestual Portuguesa — uma opção ou um direito? — O meio mais restritivo na educação de surdos. In: Maria Bispo, André Couto,

Maria do Céu Clara e Luís Clara. *O gesto e a palavra I. Antologia de textos sobre surdez*. Lisboa: Editorial Caminho, 2006, p. 191- 220.

GOLDFELD, Marcia. *A criança surda — Linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexos Editora, 2002, 2ª edição.

GONÇALVES, Vítor T. A escola inclusiva e a oportunidade do virar da página na educação dos surdos. In: Orquídea Coelho (Coord.). *Perscrutar e escutar a surdez*, (p. 97-105). Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, Coleção Caleidoscópio 2, 2005.

LACERDA, Cristina. *Intérprete de Libras: em atuação na educação infantil e no ensino fundamental*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2010.

LANE, Harlan. *A máscara da benevolência: a comunidade surda amordaçada*. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

MASUTTI, M. L. *Tradução cultural: desconstruções logofonocêntricas em zonas de contato entre surdos e ouvintes*. Tese de Doutorado em Literatura, UFSC, 2007.

MOURA, Maria Cecília & HARRISON, Kathryn. A Inclusão do Surdo na Universidade — mito ou realidade? In: Ronice de Quadros (Org.). *Cadernos de Tradução nº26*, (pp.333-358). Universidade Federal de Santa Catarina, Publicação Semestral da Pós-graduação em Estudos da Tradução, 2010.

NAPIER, Jemina. An historical overview of signed language interpreting research: featuring highlights of personal research. In: Ronice de Quadros (Org.). *Cadernos de Tradução nº26*, (pp.63-97). Universidade Federal de Santa Catarina, Publicação Semestral da Pós-graduação em Estudos da Tradução, 2010.

PACHECO, Natércia & CAMELO, João. Poderes instituintes de uma cultura surda. In: Orquídea Coelho (Coord.). *Perscrutar e escutar a surdez*, (p. 21-36). Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento, Coleção Caleidoscópio 2, 2005.

PERLIN, Gladis. Identidades Surdas. In Carlos Skliar (Org.) *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Editora Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa: Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos*. Brasília: Ministério da Educação, 2004.

SÁ, Nídia R. L. *Educação de surdos — A caminho do bilinguismo*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1999.

SANCHES FERREIRA, M. *Educação regular, educação especial: uma história de separação*. Porto: Edições Afrontamento, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand. *Cours de linguistique générale* (1ª ed., 1915), ed. Crítica de Tullio de Mano. Paris: Payothèque, 1974.

SCHICK, B., WILLIAMS, K, & KUPERMINTZ, H. *Look who's being left behind: Educational interpreters and access to education for deaf and hard-of-hearing students*. Journal of Deaf Studies & Deaf Education, 2005,11(1): 3-20.

SILVA, Regina. Língua gestual e bilinguismo na educação da criança surda. In: Orquídea Coelho (Org.). *Um copo vazio está cheio de ar: assim é a surdez*, (p. 101-145). Porto: Livpsi, 2010.

SIM-SIM, Inês. O ensino de Português escrito aos alunos surdos na escolaridade básica. In: Inês Sim-Sim (Org.). *A criança surda. Contributos para a sua educação*. (pp. 15-28). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2005.

SKLIAR, Carlos (Org.). *Educação e exclusão: abordagens socio-antropológicas em Educação Especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, Carlos. *Actualidade da Educação bilingue para surdos. Processos e projetos pedagógicos*, volume 1. Porto Alegre: Mediação, 1999.

SVARTHOLM, Kristina. *Aquisição de segunda língua por surdos*. Espaço Brasil: Instituto Nacional de Educação de Surdos, 1998.

TUXI, Patrícia. *A atuação do intérprete educacional no ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília, Brasília, 2009.

ZIMMERMAN JR., Charles E. *There's a deaf student in your philosophy class — Now what? Teaching Philosophy*, 2007, 30 (4), pp. 421-44.

DECRETO-LEI nº3/2008, de 7 de janeiro.

# Trabalho cooperativo de investigadores surdos e ouvintes: projetos *Spread the Sign* e *PLACES*

---

CIIE — Centro de Investigação e Intervenção Educativas  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação  
Universidade do Porto



Fernanda Bettencourt<sup>1</sup>

Sara Pinho<sup>2</sup>

Sara Sousa<sup>3</sup>

Orquídea Coelho<sup>4</sup>

## Resumo

Este artigo tem como objetivo mostrar a importância do trabalho em equipa entre tradutores-intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (LGP) e Surdos falantes nativos de LGP, através da apresentação de dois projetos de investigação/intervenção: *Spread the Sign* e *PLACES*, os quais, apesar de distintos, têm como missão proporcionar acessibilidades às pessoas surdas. Nele, exploraremos ainda a forma como os participantes destes projetos desenvolvem um trabalho de parceria e cooperação, com vista ao alcance das suas principais metas, bem como a especificidade do papel dos Tradutores-Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa nestes processos.

**Palavras-chave:** Trabalho cooperativo. Tradução de LGP/LP. Falantes nativos de LGP. Acessibilidade.

## Introdução

A participação de tradutoras-intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (LGP) em dois projetos de investigação, *Spread the Sign* e *PLACES* (Plataforma de Acessibilidade da Universidade do Porto) desencadeou a reflexão acerca do papel que desempenham estas profissionais no âmbito destes projetos, bem como as relações desenvolvidas com os falantes nativos e docentes de LGP que também ocupam

---

<sup>1</sup> E-mail: fernanda.bettencourt@gmail.com.

<sup>2</sup> E-mail: sarapixx@botmail.com.

<sup>3</sup> E-mail: feriguca\_25@yahoo.com.br.

<sup>4</sup> E-mail: orquidea@fpce.up.pt.

um lugar de destaque em ambos os projetos, muito embora ocupando funções distintas. Deste modo, apresentaremos os dois projetos de forma breve, centrando a nossa atenção no trabalho que levámos a cabo dentro de cada um deles, enquanto tradutoras-intérpretes, bem como nos desafios com que nos fomos deparando.

Segundo Perlin (2006, p. 136), quanto mais refletimos sobre o trabalho do tradutor-intérprete, melhor compreendemos a complexidade do seu papel, as dimensões e a profundidade da sua ação, uma vez que este é também intérprete «da cultura, da língua, da história, dos movimentos, das políticas, da identidade e da subjetividade surda». Ao tomarmos consciência do trabalho que as tradutoras-intérpretes de LGP realizam nestes projetos, percebemos a panóplia de papéis, de dimensões e o quão extenso, diverso e complexo poderá ser o seu campo de atuação.

Todo este trabalho foi realizado em colaboração estreita e direta com os falantes nativos de LGP para que, da troca de experiências, de culturas e, através da reflexão linguística e metalinguística, resultem projetos de investigação o mais acessíveis possível para as pessoas surdas.

### Projeto *Spread the Sign*<sup>5</sup> – desafios da tradução

O *Spread the Sign* é um projeto em 3ª edição que conta atualmente com a participação de equipas compostas por membros surdos e ouvintes, provenientes de 23 países de três continentes: europeu, asiático e americano. O objetivo principal deste projeto é «recolher gestos no âmbito nacional de cada país participante, para constituir um dicionário multilingue, digital, *on-line*, em várias áreas temáticas, aliando as línguas nacionais e gestuais dos diferentes países envolvidos» (COELHO, 2009, p. 23). A equipa portuguesa é composta maioritariamente por Surdos falantes nativos de LGP e tradutoras-intérpretes de LGP, competindo-lhes, entre outras atividades, «a tradução das listas temáticas de palavras e frases, de inglês para português, correção e alteração de palavras e expressões (...) tradução para LGP, filmagem (...), visualização e validação [dos gestos]» (COELHO, 2009, p. 24).

Quadros (2004, p. 11) considera tradutor-intérprete de Língua Gestual (LG) aquele «que traduz e interpreta a língua [gestual] para a língua falada e vice-versa em quaisquer modalidades que se apresentar (oral ou escrita)». Segundo Filietaz (2008), o trabalho deste profissional<sup>6</sup> pressupõe mais do que o conhecimento de duas línguas, obrigando-o a ir além da sua fluência, uma vez que são «idiomas

<sup>5</sup> Spread the sign, Communication in National Sign Language, (3ª edição), Leonardo da Vinci (LLP-LdV/TOI/SE/08/1204), 2012/2015, [www.spreadthesign.com](http://www.spreadthesign.com).

<sup>6</sup> Frishberg, citado por Tuxi (2009, p. 12) define tradução como respeitante à «tradução de mensagem escrita de uma língua para outra» e interpretação como «o ato de interpretar de forma imediata uma mensagem produzida em uma língua para outra». Considerando que as atividades em análise neste trabalho não têm o imediatismo da interpretação, poderemos considerá-las como tradução, logo, doravante designaremos as profissionais como tradutoras.

gramaticalmente distintos e envolvem modalidades diferenciadas, (...) e conhecer profundamente as especificidades socioculturais de ambas».

A construção deste dicionário multilingue tem como língua base para introdução de vocábulos o inglês, sendo posteriormente feita a tradução para a língua de cada um dos países membros e depois para as respetivas línguas gestuais. É este o primeiro desafio com que nos deparamos: ter em conta três línguas diferentes — inglês (LI), português (LP) e LGP — e, conseqüentemente, três culturas diferentes. Deste modo, para além da consulta de dicionários em papel ou *on-line*, a pesquisa de imagens e vídeos na *internet* tem-se revelado um recurso muito útil, no esclarecimento de dúvidas em relação a significados.

No entanto, a tradução de palavras, expressões ou frases de LI para LP ou vice-versa (se for a nossa equipa a adicionar novos vocábulos ao dicionário) pode originar alguns obstáculos, nem sempre fáceis de ultrapassar. Por exemplo:

- “It” — a terceira pessoa do singular neutro não existe em LP (dependendo a sua tradução do objeto a que se refere) nem em LGP;
- “Paramedic” — o conceito de “paramédico” varia muito de país para país, estando, em Portugal, associado aos técnicos não médicos de análise e diagnóstico, enquanto, noutros países estará associado ao que nós denominamos “socorrista”.

A modalidade visual-espacial da língua gestual potencia esses obstáculos, pois nelas

estão presentes diferentes elementos linguísticos como expressões não manuais (corpo e face) e a “incorporação” que não se apresentam da mesma forma na modalidade oral-auditiva e que não estão gramaticalmente descritas a ponto de possibilitar uma perfeita aproximação (SANTIAGO, 2012, pp. 37-38).

Exemplo disso serão a maioria das conjunções e dos advérbios.

Freire (2012, p. 122) lembra que o facto de qualquer língua transportar «con-sigo as marcas culturais do povo que a utiliza, do modo como veem o mundo que os rodeia e de como experienciam as vivências do seu quotidiano» leva a que expressões comuns numa língua possam perder todo o sentido noutra língua «se não conhecermos as referências linguísticas, culturais e sociais que lhes deram origem». O facto de cada país ter sistemas diferentes de divisão territorial, religiosa ou jurídica, bem como as respetivas administrações pode ser um grande desafio para a tradução de algumas palavras, como é o caso de:

- “Parish” — poderá ser traduzido como “paróquia” ou como “freguesia”, que na cultura portuguesa não são a mesma coisa, embora a constituição das segundas tenha tido, na sua maioria, as primeiras como referência;
- “Deputy” — poderá ser traduzido como “deputado” — membro de uma assembleia legislativa, em Portugal — mas será mais provável que signifique

“delegado” ou “adjunto”, enquanto um membro de uma assembleia legislativa será “congressman” ou “representative”;

- “Junta de Freguesia” — ao contrário de “parish”, este órgão executivo colegial de cada freguesia, em Portugal, não tem possibilidade de ser confundido com a administração religiosa de uma paróquia, por se tratar de um órgão administrativo cujos membros são eleitos pelos cidadãos e, sendo característico da nossa divisão administrativa, não tem correspondente direto nos países anglófonos.

Por outro lado, na tradução para LGP, deparamo-nos com falta de gestos para muitas palavras que não fazem parte da cultura surda, como:

- “Cerimónia” — apesar de ser uma palavra utilizada com muita frequência, não existe um gesto correspondente em LGP, uma vez que os Surdos, quando mencionam uma cerimónia, identificam o tipo de cerimónia a que se referem (casamento religioso ou civil, batizado, entrega de diploma, etc.)

Outro desafio que nos é apresentado, pelo facto de o dicionário ter uma língua oral como base, é a iconicidade das línguas gestuais, uma vez que a

modalidade visual-gestual proporciona uma fonte mais rica de propriedades icónicas, o que conduz a uma maior transparência dos gestos (quando comparados com as palavras). Esta transparência parece pois revelar a existência de princípios organizativos das línguas que são específicos da modalidade visual-gestual e que não possuem equivalente na modalidade oral (SILVA, 2010, p. 116).

Esta é uma questão que se coloca com muita frequência em verbos:

- “Desmoronar” — sendo um verbo bastante visual, a sua tradução para LGP depende daquilo que se desmorona (um prédio, uma ribanceira);
- “Abrir” — um dos verbos mais visuais da LGP tem praticamente tantas variações quantas os objetos que podem ser abertos (livro, porta comum, porta de deslizar, janela de puxar ou de guilhotina, etc.).

Se o trabalho de tradução de LI para LP, ou vice-versa, é feito pelas tradutoras que também têm domínio da LI, para a tradução de LP para LGP é essencial o trabalho de equipa entre estas e os Surdos falantes nativos de LGP. Se as primeiras têm domínio da LP, que lhes permite traduzir e explicar os conceitos mais difíceis, são os segundos que têm o domínio necessário da LGP para que a cada palavra, expressão ou frase correspondam os gestos corretos. São também estes que, em contacto com a comunidade surda a que pertencem, levam a que, pouco a pouco, comecem a surgir novos gestos (gestos emergentes) e a tornar visíveis outros que, apesar de já existirem, eram pouco conhecidos. Através desta importante parceria, procura-se minimizar os erros, bem como corrigir alguns que tenham passado despercebidos anteriormente.

## Parceria entre os projetos *Spread the Sign* e *PLACES* (Plataforma de Acessibilidade)<sup>7</sup>

A Plataforma de Acessibilidade foi criada por uma equipa da Universidade do Porto, do programa Acesso da Fundação para a Ciência e Tecnologia e do Instituto Nacional para a Reabilitação e nasceu da necessidade de sistematizar e difundir práticas de produção de informação acessível, ou seja, que a informação produzida possa ser acedida por qualquer utilizador, independentemente dos meios que esteja a utilizar ou do contexto em que esteja a aceder.

Correia & Correia (2005, p. 31) apresentam a acessibilidade como um conceito inclusivo que assenta num «conjunto de preocupações, conhecimentos, metodologias e práticas que visam a conceção de espaços, produtos e serviços, utilizáveis com eficácia, segurança e conforto pelo maior número de pessoas possível, independentemente das suas capacidades».

Coelho (2010) considera que há ainda muito a fazer neste domínio, principalmente no que diz respeito à comunidade surda. Tendo em conta esta necessidade, destacamos a acessibilidade auditiva por meio da conversão de textos escritos em LG, «...através de um processo complexo de tradução (...) de documentos texto e/ou áudio em LG» (CORREIA & CORREIA, 2005, p. 38), com vista a proporcionar as acessibilidades comunicacional — entre surdos e entre surdos e ouvintes, através de uma língua estruturada — e visual, através da legendagem de produções multimédia com uma escrita clara e acessível.

Para desenvolver este trabalho, foi solicitada a colaboração da equipa do Projeto Internacional *Spread the Sign* para realizar a tradução dos filmes elaborados no âmbito do projeto *PLACES*. Apesar de ser a imagem das tradutoras que surge na tela, todo o trabalho desenvolvido até às filmagens é realizado através de uma estreita colaboração entre as estas e docentes Surdos de LGP.

O processo de tradução dos vídeos tutoriais para o *PLACES* requer alguns cuidados e passa por várias etapas até se obter o filme final. Assim, tem início com o acesso ao texto a ser traduzido em simultâneo com a visualização do vídeo e da legendagem. Em seguida, dá-se início ao trabalho colaborativo onde, tradutoras e docentes de LGP constroem a Glosa<sup>8</sup> de forma a torná-la adequada para o vídeo em questão e o mais acessível possível às pessoas surdas. Terminada esta tarefa, é a vez de praticar a Glosa, por uma tradutora, para se fazer eventuais ajustes, adequar os gestos e perceber se o tempo de execução dos mesmos

<sup>7</sup> A Plataforma de Acessibilidade *PLACES* tem como objetivo contribuir para um design que se pretende cada vez mais universal, e contém tutoriais que disponibilizam orientações para a criação de documentos digitais acessíveis nos formatos: Word 2010, PowerPoint 2010 e HTML para utilização na Web ([http://sigarra.up.pt/up/pi/web\\_base gera\\_pagina?p\\_pagina=1011880](http://sigarra.up.pt/up/pi/web_base gera_pagina?p_pagina=1011880)). Acesso em: 15 abr. 2013).

<sup>8</sup> Utilizamos o termo Glosa para nos referirmos a um sistema de transcrição da gestualização da interpretação do texto, pela ordem sintática da LG. As palavras estão grafadas em maiúsculas e nomeiam o gesto com o mesmo sentido. Também são transcritas as expressões faciais e tudo o que seja relevante para se perceber o texto.

coincide com o tempo do vídeo. Por fim, procede-se à filmagem efetiva, na qual uma das tradutoras lê a Glosa e outra a gestualiza. Ao longo de todo o processo, a participação dos falantes nativos de LGP é ativa e constante, com o objetivo de tornar a tradução o mais clara e fiel possível.

A tradução para o projeto *PLACES* exige das tradutoras de LGP um envolvimento que vai para além do mero ato interpretativo. A atuação destas profissionais inicia-se, como já foi referido, no momento em que se tem acesso aos vídeos com a informação a ser traduzida, o que lhes possibilita planearem a sua tradução, principalmente dos termos menos comuns, fazendo uma pesquisa antecipada e o planeamento de estratégias discursivas, quando não tiverem um correspondente lexical na LGP específico para algum conceito.

De facto, este é um dos desafios mais frequentes, uma vez que há vocabulário muito técnico e que não tem correspondente no léxico gestual, exigindo ao tradutor flexibilidade linguística para realizar expansões e compressões discursivas, para se obter o sentido produzido na língua de origem (NASCIMENTO, 2011). Mais uma vez, é de extrema importância a parceria com os falantes nativos de LGP, para que esta transposição para a LGP seja o mais fiel possível ao texto de origem e as expansões e compressões as mais adequadas.

Uma das técnicas de transcrição poderá ser o recurso à datilologia (uso do alfabeto manual para nomear objetos ou palavras que não existem na LG), quando não existe vocabulário gestual, ainda que seja uma técnica de difícil receção da LG por surdos e ouvintes, uma vez que é de produção rápida. Quando não existe um gesto para determinado conceito usa-se esta estratégia para soletrar palavras da língua oral, funcionando estas soletrações como empréstimos da Língua Portuguesa (ROSA, 2008). Na tradução dos vídeos, optámos por usar este recurso apenas para nomear menus e separadores.

A modalidade visual-espacial poderá, por um lado, facilitar o ato de tradução e, por outro lado, dificultá-lo ao obrigar as tradutoras a memorizar a localização espacial dos gestos e os conteúdos dos vídeos.

O facto de as Línguas Gestuais se produzirem no espaço permite que se efetue mais rapidamente partes da tradução dos vídeos de origem, tendo em conta a localização dos objetos (por exemplo, se estamos a traduzir um tutorial sobre a formatação de um texto no *Word 2010* e se menciona o separador “Ver”, na barra de menu, apontamos para cima e soletramos V-E-R). Na LG,

o estabelecimento dos referentes dá-se pelo posicionamento espacial, pelo apontamento para algum ponto no espaço, pela rotação do tronco ou da cabeça e pela direção do olhar. O não estabelecimento dos referentes ou a sua troca de posições podem comprometer todo o entendimento da sinalização. Já um estabelecimento dos referentes, de forma consistente no espaço, clarifica a mensagem (PEREIRA, 2010, p. 36).

Esta clarificação é possível, também, devido à «natureza visuo-gestual das línguas gestuais [a qual] permite equacionar novas possibilidades estruturais que não existem (ou existem em menor grau) nas línguas orais» (SILVA, 2010, p. 114).

Se, por um lado, isto possibilita «o uso do espaço e a produção simultânea de elementos distintos durante o discurso, por exemplo, o emprego das duas mãos como canais autônomos paralelos, com cada canal a codificar gestos individuais (embora haja limitações)» (SILVA, 2010, p. 114), por outro lado acarreta algumas dificuldades no ato tradutório, tais como: memorizar a localização espacial dos objetos referidos no vídeo; memorizar as expressões faciais e corporais adequadas ao contexto; procurar não estar desfasada no tempo, em relação ao texto original.

Todo este trabalho, desde que se elabora a Glosa do texto até que se termina a filmagem de um vídeo com a duração de cerca de um minuto e meio a dois minutos, exige uma colaboração ativa entre tradutoras e docentes de LGP, que se prolonga muitas vezes para além de três horas. Resulta, no entanto, num trabalho de qualidade, fruto de algumas conjugações importantes: trabalho em equipa com os falantes nativos da LGP; preparação das gravações e investigação de diferentes opções de tradução.

## Conclusão

O envolvimento e participação nestes dois projetos de investigação permitiu-nos, por um lado, descortinar diferentes papéis do tradutor-intérprete de LGP e, por outro lado, realçar a importância da partilha de conhecimentos e competências, no trabalho de equipa nestes contextos.

O contato com elementos da comunidade surda, falantes nativos da língua que se torna veículo de acesso à informação, e a colaboração de ambas as partes nestes projetos proporcionou-nos múltiplas aprendizagens, quer ao nível do léxico gestual quer dos conhecimentos sobre esta comunidade. A reflexão mútua sobre ambas as línguas, o alargamento de vocabulário e o conhecimento dos diferentes contextos da sua aplicação, proporcionou-nos ainda uma experiência rica que pode ser aproveitada para a nossa prática profissional, sobretudo em escolas com alunos surdos, onde a maioria das tradutoras-intérpretes de LGP desenvolve o seu trabalho.

## Referências bibliográficas

- COELHO, O. Direitos linguísticos, acessibilidade e cidadania — *Spread the Sign* e Profacity. *Revista Diversidades*, Funchal, v. 7, n. 25, 2009. p. 22-25.
- COELHO, O. Acessibilidades, desenho universal e políticas públicas. In: COELHO, O. (Org.). *Um copo vazio está cheio de ar. Assim é a surdez*. Oliveira de Azeméis: LivPsic, 2010. p. 87-90.

- CORREIA, S. & CORREIA, P. Acessibilidade e desenho universal. In: *Actas do Encontro Internacional Educação Especial: Diferenciação, do conceito à prática*. p.31-52. ESE Paula Frassinetti. Porto: Edições Gailivro, S.A., 2005.
- FILIETAZ, M. Atuação do tradutor e intérprete de Língua de Sinais/ Língua Portuguesa no IES. Disponível em: [www.uel.br/eventos/seminariosurdez/pages/arquivos/palestra\\_mesa\\_03\\_01.pdf](http://www.uel.br/eventos/seminariosurdez/pages/arquivos/palestra_mesa_03_01.pdf). Acesso em: 16 abr. 2013.
- FREIRE, M. A tradução e interpretação de provérbios e expressões idiomáticas em língua gestual — equivalentes linguísticos e culturais. *Exedra: Revista Científica ESEC*, Coimbra, número temático, p. 121-128, 2012.
- NASCIMENTO, M. *Interpretação da Língua Brasileira de Sinais a partir do gênero jornalístico televisivo: elementos verbo-visuais na produção de sentidos*. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2011. 143 f.
- PEREIRA, M. Intérpretes de língua de sinais e a proficiência linguística em Libras: a visão dos potenciais avaliadores. *Tradução & Comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, São Paulo, n. 20, p. 27-46, 2010.
- PERLIN, G. A cultura surda e os intérpretes de Língua de Sinais. ETD — *Educação temática digital*. Campinas, v. 7, n° 2, 136-147, 2006.
- QUADROS, Ronice Muller de. *O tradutor e intérprete de Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa*. Secretaria de Educação Especial, Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos. Brasília: MEC/SEESP, 2004.
- ROSA, A. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Coleção Cultura e Diversidade. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008. 199 f.
- SANTIAGO, V. Português e Libras em diálogo: Os procedimentos de tradução e o campo do sentido. In: Albres, N. & Santiago, V. (Org.). *Libras em estudo: tradução/interpretação*. São Paulo: FENEIS, 2012. p. 35-55.
- SILVA, R. Língua gestual e bilinguismo na educação da criança surda. In: COELHO, O. (Org.). *Um copo vazio está cheio de ar. Assim é a surdez*. Oliveira de Azeméis: LivPsic, 2010. p. 101-145.
- TUXI, Patrícia. *A atuação do intérprete educacional no ensino fundamental*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Brasília: Universidade de Brasília; Faculdade de Educação, 2009.

# O Dicionário *on line Spread the Sign*: integração internacional de um recurso digital para a educação dos surdos

---

CIIE — Centro de Investigação e Intervenção Educativas.  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação — Universidade do Porto  
Programa de Pós Graduação de Ciências e Biotecnologia — PPBI —  
Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil



Ruth Mariani Braz<sup>1</sup>

Orquídea Coelho<sup>2</sup>

Cristina Delou<sup>3</sup>

Cláudia Rubim<sup>4</sup>

Jorge Manuel Ferreira Pinto<sup>5</sup>

Helena Carla Castro<sup>6</sup>

## Resumo

Este trabalho relaciona Ensino a Distância e um dicionário Gestual/de Sinais *on line*, começando por fazer referência e analisar algumas das ofertas de dicionários, bem como esclarecer alguns aspetos teóricos. O Projeto Internacional *Spread the Sign* ([spreadthesign.com](http://spreadthesign.com)), no qual a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto é instituição parceira desde a sua fundação (2006), é considerado pela Comissão Europeia como exemplo de boas práticas e mencionado no seu Livro Verde. O Projeto tem por finalidade principal a construção de um dicionário gestual multilingue, gratuito, de consulta *on line*. Todo este trabalho coloca, a cada um dos países participantes, a necessidade e a responsabilidade de pesquisar os gestos/sinais correspondentes a cada uma das palavras constantes das listas temáticas que vão sendo elaboradas. O artigo que apresentamos tem como objetivo contribuir para a discussão da criação de uma ferramenta multimédia na forma de um dicionário científico

---

<sup>1</sup> E-mail: [rutbmariani@yaboo.com.br](mailto:rutbmariani@yaboo.com.br).

<sup>2</sup> E-mail: [orquidea@fpce.up.pt](mailto:orquidea@fpce.up.pt).

<sup>3</sup> E-mail: [cristinadelou@globo.com](mailto:cristinadelou@globo.com).

<sup>4</sup> E-mail: [claudiarubim@gmail.com](mailto:claudiarubim@gmail.com).

<sup>5</sup> E-mail: [jf\\_pinto@botmail.com](mailto:jf_pinto@botmail.com).

<sup>6</sup> E-mail: [hcastrorangel@yaboo.com.br](mailto:hcastrorangel@yaboo.com.br).

*on line*, contendo termos essenciais para o ensino das Ciências, entre outros. Defendemos que em Portugal como no Brasil, com uma melhor divulgação e debate sobre a ausência de sinais para os termos científicos nas subáreas de Ciências Biológicas na comunidade acadêmica surda e ouvinte, potencialmente poderemos estar estimulando a criação/emergência de novos termos nesta área e também em outras áreas.

**Palavras-chave:** Dicionário on line. Emergência de novos gestos/sinais. Multi-lingue. Ensino a distância. Recursos digitais.

## Introdução

A Educação a Distância surgiu no século XIX e somente nas duas últimas décadas evoluiu de uma maneira rápida no Brasil e em Portugal. Começou por ser utilizada inicialmente como recurso para suprir as fragilidades educacionais, para a qualificação profissional e para o aperfeiçoamento ou a atualização de conhecimentos dos trabalhadores que não podiam ausentar-se dos serviços. Contudo estes recursos não contemplavam a comunidade surda.

Com a chegada da televisão nas residências e o alcance de outros artefatos tecnológicos pela população surda, a Educação a Distância revelou-se uma ferramenta de grande valia neste âmbito. Esta fase pode chamar-se de segunda geração do Ensino a Distância. No Brasil a televisão passou a ser usada na formação de trabalhadores em várias áreas, nomeadamente nos cursos de alfabetização de adultos, mas só passou a ter legendas no ano de 2007, com benefício apenas para uma minoria de surdos letrados. Hoje, com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICS), o computador passa ser a ferramenta mais usada pela população em geral. Esta seria a terceira geração do Ensino a Distância, na qual vivemos o dia de hoje.

A Internet traz a possibilidade de recebermos as informações imediatas do outro lado do mundo. As fronteiras do conhecimento passaram a ser socializadas de uma maneira que faz com que o homem possa refletir, conceitualizar-se e construir o conhecimento de maneira autônoma.

## Acerca dos Dicionários Gestuais/de Sinais

Segundo Marinho (2007), os alunos surdos recorrem aos dicionários gestuais/de sinais para compreensão dos temas escolares, mas estes não atendem às suas expectativas por conterem um vocabulário muito básico em sua nomenclatura

(ex: animais, frutas, transportes). Segundo Carvalho (2001) não se pode exigir que dicionários gerais contenham termos técnicos, apesar de algumas **grandes** obras lexicográficas incluírem alguns deles em sua nomenclatura, desde que não sejam de uso muito restrito como no caso de temas específicos da área de biologia. A queixa dos profissionais que lidam com o discente surdo centra-se na falta de dicionários didáticos bilíngues e de material de apoio, que contribuam nos procedimentos de interpretação dos conteúdos programáticos e na autonomia dos alunos quando afastados dos intérpretes ou dos professores (MARINHO; 2007).

No âmbito da Literatura, no que concerne à pesquisa de dicionários de Língua Gestual/de Sinais, realizamos uma busca exaustiva nos sites indicados nas referências bibliográficas que nos possibilitasse obter o maior número de resultados possível, tendo abrangido desde países da Europa, América do Norte, América Latina, Austrália, até países de África. Temos uma grande incidência de referências e sites de dicionários portugueses, brasileiros e espanhóis, que deve-se ao fato de termos obtidos estes dados através dos informantes entrevistados por nós, os quais fazem parte da comunidade educativa portuguesa que trabalham com alunos surdos.

Avaliamos, portanto, 42 dicionários que estão listados e observamos que o dicionário na forma impressa ainda é o de maior incidência. Essa forma de divulgação dificulta seu acesso, tendo em vista que não são gratuitos e que não são facilmente encontrados em livrarias comuns (Figura 1). Além de a maioria dos dicionários encontrados serem edições em papel, muitos foram organizados somente por ouvintes, o que pode comprometer a interpretação do conteúdo lexical.

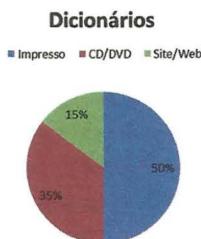


Figura 1. Formas (impressa, software — CD/DVD, on-line — Site/Web) que os 42 dicionários avaliados estão disponíveis.

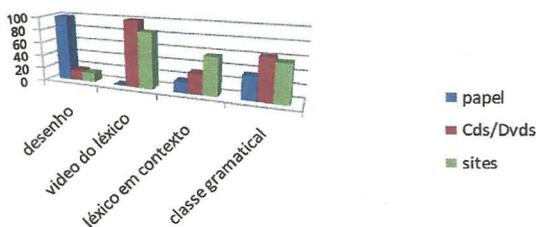


Figura 2. Avaliação dos 42 dicionários encontrados nas três diferentes formas de divulgação (impressa, software — CD/DVD, on-line — Site/Web) quanto à presença do verbete, seu contexto, a relação com a imagem (desenho, vídeo) e presença das classes gramaticais.

Com esse estudo foi possível observar que, na maioria dos dicionários estudados, as palavras e gestos/sinais que deles fazem parte não se encontram inseridos num contexto de forma a não deixar dúvidas sobre o seu significado. Os dicionários bilíngues ou plurilíngues quando não situam o seu léxico em contexto, seja na língua escrita ou na língua gestual/de sinais, por conta da polissemia, dificultam ou impedem a sua plena compreensão por parte dos surdos.

Idealizando o dicionário “perfeito”, a apresentação de um signo linguístico no âmbito das Ciências ou de qualquer outra área, no nosso entender, necessitaria ser representado por diferentes modos semióticos para que haja a compreensão do conceito a ser trabalhado em diferentes ambientes de aprendizagem.

Enquanto os alunos ouvintes transportam os livros e os dicionários consigo para casa, podendo ler e estudar a matéria na sua língua materna (o português), os surdos, na maioria das vezes, não têm acesso a estes materiais na sua língua materna nem na sua língua natural. No máximo, esses livros estão escritos na sua segunda língua. Contudo, com o desenvolvimento das tecnologias computacionais e recursos digitais, poderemos assegurar aos surdos condições de paridade e acessibilidade educacional.

## Esclarecendo algumas dúvidas

A maioria dos dicionários e glossários do Brasil e de Portugal não são acessíveis na web para a comunidade surda. Segundo Martins (2012) “os dicionários são compilações de verbetes, geralmente em ordem alfabética” e os glossários “seriam uma lista de unidades lexicais de um domínio de uma língua e geralmen-

te surgem como apêndice de uma obra temática”. Sendo assim, alguns vídeos estão postados no Youtube sobre os trabalhos desenvolvidos dos glossários e de dicionários, mas para ter acesso às obras é necessário entrar em contato com os responsáveis. O acesso gratuito e online corresponde ainda a um número muito restrito para a comunidade surda.

Segundo Hauland e Allen (2009), a língua gestual/de sinais só foi reconhecida oficialmente em quarenta e quatro dos noventa e três países inquiridos, de acordo com o *Report of the World Federation of the Deaf*. Este relatório considera que nenhum país nega completamente o direito dos surdos à educação, mesmo aqueles que afirmam não considerar este direito (Bolívia, Eritreia, Guiné, Seicheles e Coreia do Sul), visto que existe uma ou mais escolas para surdos. No entanto, não existe nenhum país em que o sistema educativo e/ou níveis de literacia sejam considerados completamente satisfatórios. Aqueles analisados neste trabalho referem que a qualidade da educação é baixa e que o nível de iliteracia alto, o que, segundo Hauland e Allen (2009) é um indicador de que existe ainda um grande desconhecimento sobre a importância da língua gestual na educação de surdos.

O observatório da língua gestual PRO-LGP foi desenvolvido pela professora e investigadora Ana Mineiro e os seus colaboradores da Universidade Católica de Lisboa. Este observatório nasceu da necessidade de desenvolver um léxico científico promovendo a emergência de gestos/sinais novos (neologismos) para vocabulário especializado em várias áreas do conhecimento. Dentre suas metas estão recensear, observar e difundir as novas palavras a fim de garantir às futuras gerações de surdos o acesso a estas informações, tendo também como objetivo a elaboração de um banco de dados com os gestos, suas definições e contextualização.

Na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, a professora e investigadora Orquídea Coelho, segue os mesmos princípios orientadores na coordenação dos trabalhos do Projeto Internacional *Spread the Sign*. Deste modo as duas pesquisadoras contribuem com rigor científico e linguístico para a consolidação da língua gestual portuguesa, respeitando a comunidade surda, e tendo como gestuantes membros da comunidade surda, falantes nativos de língua gestual portuguesa.

A criação de novos gestos/sinais para as áreas educativas interfere de modo muito positivo no ensino/aprendizagem de novos conceitos e facilita as interações entre os ouvintes e os surdos. Um signo linguístico para a compreensão de qualquer área deve ser representado por diferentes modos semióticos para que haja a compreensão do conceito a ser trabalhado com os surdos. Neste sentido os dicionários gestuais on line, constituem uma ferramenta pedagógica fundamental que irá proporcionar e facilitar o acesso e a compreensão de novas aprendizagens.

## O Projeto Internacional *Spread the Sign*

O Projeto Internacional *Spread the Sign* ([www.spreadthesign.com](http://www.spreadthesign.com)) (Figura 3), no qual a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto é instituição parceira desde a sua fundação (2006), e cuja Equipa Portuguesa é coordenada pela Professora Doutora Orquídea Coelho, é considerado pela Comissão Europeia como exemplo de boas práticas e mencionado no seu Livro Verde.

O Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira e a Universidade Católica Portuguesa, ambas as instituições sediadas em Lisboa, integram também este projeto, contribuindo, respectivamente, nas filmagens como gestuantes especialistas em LGP e como consultores na área dos Estudos Linguísticos.

O *Spread the Sign* é um dicionário gestual multilingue, gratuito, de consulta *on line*. A sua realização coloca, a cada um dos países participantes, a necessidade e a responsabilidade de pesquisar os gestos/sinais correspondentes a cada uma das palavras constantes das listas temáticas que vão sendo elaboradas, para que os mesmos possam ser registrados em vídeos e colocados no site através de *uploads*.



Figura 3. Projeto *Spread the Sign*. A) Filmagens em Lisboa; B) Reunião da equipe de Portugal; C e D) Equipe de trabalho da Universidade do Porto.

Neste momento fazem parte do consórcio 23 países, o que corresponde a estarem representadas 23 línguas vocais e 23 línguas de sinais/gestuais. Existem cerca de 100.000 vocábulos e o site é consultado por dois milhões de pessoas mensalmente.

A equipa portuguesa do *Spread the Sign* tem a preocupação de ter a participação dos surdos em todo o processo de filmagem, edição e *uploads* dos filmes, bem como na pesquisa e emergência dos gestos/sinais.

Este dicionário *on line* associando escrita e visualização de imagens, na Língua Gestual Portuguesa ou em Libras (assim como em todas as outras línguas representadas) contém um enorme potencial pedagógico que antes não fora pensado na educação dos surdos.

Portugal é um dos países fundadores deste projeto e prepara-se neste momento a entrada do Brasil como membro do mesmo, em um processo envolvendo inicialmente a Universidade Federal Fluminense nas figuras das Dras. Helena Carla Castro, Cristina Delou e que está sendo observado pelo INES; com o apoio do Dr. Thomas Lydell-Olsen do *European Sign Language Centre* — Suécia, coordenador e um dos fundadores do projeto *Spread The Sign*.

### **Conclusões a extrair**

Com este breve relato podemos observar que temos muito que avançar nos dois países em busca de um melhor atendimento à comunidade surda e na procura de melhor qualidade de vida desta população.

O ensino utilizando o ambiente virtual tem-se revelado uma ferramenta de aprendizagem muito significativa, na medida em que os usuários têm a possibilidade de pesquisar o que realmente lhes interessa. Contudo a sua valorização pedagógica no campo da educação de surdos depende da participação de docentes criativos para elaborar situações didáticas que promovam as competências e as aprendizagens dos alunos.

Os surdos são muitas vezes considerados estrangeiros em seu próprio país, situação que conduz ao seu isolamento linguístico e social. Pela quantidade de informação que pode chegar diariamente ao aluno surdo através do dicionário *Spread the Sign*, podemos considerá-lo como uma ferramenta de trabalho de enorme potencial, podendo ainda depreender-se que estamos perante um instrumento pedagógico capaz de promover o acesso a conceitos e temas anteriormente não dominados.

Defendemos que em Portugal como no Brasil, potencialmente poderemos estar estimulando a criação/emergência de novos termos nesta área e também em outras áreas, ao viabilizar uma melhor divulgação e debate sobre a ausência de gestos/sinais para os termos científicos nas subáreas de Ciências Biológicas na comunidade acadêmica surda e ouvinte, contribuindo para desenvolvimento na Língua Gestual/de Sinais desses países.

### Referências bibliográficas

CARVALHO, Orlene L.de S. *Lexicografia bilíngue português/alemão: teoria e aplicação à categoria das preposições*. Brasília. Thesaurus, 2001.

COELHO, Orquidea. Surdez, educação e cidadania. Duas línguas para um caminho e para um mundo. In: Orquidea Coelho (Org.) *Um copo vazio está cheio de ar. Assim é a surdez* (p. 17-100). Porto: Livpsic, 2010.

HAULAND, H. & ALLEN, C. *Deaf people and Human Rights*. Report of the World Federation of the Deaf, 2009.

MARINHO, Margareth Latt. *O ensino da biologia, o intérprete e a geração de sinais*. Dissertação de Mestrado da Pós-Graduação em Linguística da UNB, Brasília, 2007.

MARTINS, M; FERREIRA, J.P & MINEIRO, A. *Os dicionários e os avatares gestuais: o que são como se fazem e para que servem*. Editora: Universidade Católica, Lisboa, 2012.

### Referências dos dicionários

AFONSO, S. D. *Língua Gestual Portuguesa — Para todos!*, 2005. Pedagogo: Mangaulde.

AZEVEDO, S. & COSTA, A. *Os meus primeiros gestos: Guia para pais, língua gestual para bebés*, 2010, Cuckoo: Vila do Conde. Portugal.

BALTAZAR, A, B. Curso de língua gestual — Níveis 1,2 e 3, 2004. DVD. Valor Visual Multimedia for you: Porto. Portugal.

\_\_\_\_\_. *Dicionário de Língua Gestual Portuguesa*, 2010. Porto. Editora: Porto. Portugal.

BRITISH DEAF ASSOCIATION. *Dictionary of British Sign Language/ English*, 1992. Deaf Studies Research Unit, University of Durham, British Deaf Association: Londres, Inglaterra.

CABRITA, M.S. et al. *Língua Gestual Portuguesa: Regionalismo entre Lisboa e Porto*, 2005. CD. Paulinas. Editora: Lisboa.

COELHO, O. *Spread the sign*. 2010. [www.spreadthesign.com/pt](http://www.spreadthesign.com/pt). Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto: Porto.

FARIA, I. H. et al. *Materiais de apoio ao ensino da Língua Gestual Portuguesa: + LGP, a Casa*. CD. Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2001.

\_\_\_\_\_ et al. Materiais de apoio ao ensino da Língua gestual Portuguesa: + LGP, o Corpo. CD Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2002.

\_\_\_\_\_ et al. Material de apoio ao ensino da Língua gestual Portuguesa: + LGP, o Mundo. CD Laboratório de Psicolinguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa: Lisboa, 2002.

FERREIRA, A. V. & MOURA, F.F. *Comunicação bimodal e português gestual: Guia básico para os pais, educadores e técnicos*. Areal. Editores: Porto, 1991.

\_\_\_\_\_ Gestuário. Secretária Nacional para a Reabilitação das Pessoas com deficiência: Lisboa. Portugal, 1991

FRIAS, C. *Apoio a necessidades educativas especiais: Alimentação*. Gailivro: Vila Nova de Gaia. Portugal, 1999.

\_\_\_\_\_ *Apoio a necessidades educativas especiais: Família*. Gailivro: Vila Nova de Gaia. Portugal, 1999.

\_\_\_\_\_ *Apoio a necessidades educativas especiais: Transportes*. Gailivro: Vila Nova de Gaia. Portugal, 1999.

FUNDACIÓN CNSE. *Mis primeiros signos: Diccionario de lengua de signos Española para niños e niñas*. Fundación CNSE: Madrid. Espanha, 2004.

JOHNSTON, T. *Signs of Australia: A new dictionary of Auslan (The sign language of the Australian Deaf Community)*. Royal Institute for Deaf and Blind Children e North Rocks Press: North Rocks, Australia, 1998.

\_\_\_\_\_ On CD-Rom: A dictionary of Auslan (Australian Sign Language). CD. Royal Institute for Deaf and Blind Children: North Rocks, Australia, 1998.

KANAWYER, B, et al. *Sign Languages around the world*. OK Publishing: North Hollywood, EUA, 1986.

KC e DDL. *Ordbog over Dnask Tegnsprog*. www. tegnsprog.dk (Centro de Língua Gestual e Comunicação Baseada em Sinais), DDL (Associação de Surdos Dinamarquesa): Copenhaga, Dinamarca, 2008.

MARTINS, M. R. D. et al. *Dicionário de língua gestual portuguesa: versão escolar*. (incluindo um conjunto de 4 CDs). Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal, 2000.

\_\_\_\_\_ *Dicionário de Língua Gestual Portuguesa*. (CD-ROM). Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa. Portugal, 1997.

MESQUITA, I: e tal. *Dicionário de Língua Gestual Portuguesa: Ouvir o Silêncio*. Nova Edição: Braga. Portugal, 2007.

MINEIRO, A; et al; *Dicionário terminológico em LGP: Ciências da Linguagem*. [www.pro-igp.com/dicionario](http://www.pro-igp.com/dicionario). Universidade Católica Portuguesa Lisboa. Portugal, 2011.

MORGADO, M & MARTINI, M. *Dicionário Escolar de Língua Gestual Guineense*. Sur'Universo: Lisboa. Portugal, 2008.

\_\_\_\_\_. *Os meus primeiros gestos*. DVD. Casa Pia de Lisboa: Lisboa. Portugal, 2010.

NAV PORTUGAL & Associação Portuguesa de Surdos. *Aprender língua Portuguesa*. DVD. NAV Portugal: Lisboa. Portugal, 2009.

PRATA, M.I. *Mãos que falam*. Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa & Divisão do Ensino Especial da Direção-Geral do Ensino Básico do Ministério de Educação: Lisboa, Portugal, 1980.

REBELO, A. et al. *Comunicar com a pessoa surda sega*. Casa Pia de Lisboa: Lisboa. Portugal, 1996.

REIS, A.C. *Gestuário digital*. Instituto Nacional para a Reabilitação & Associação de pais para a Educação de Crianças Deficientes Auditivas: Lisboa, Portugal.

RYTKONEN, P. et.al. *Dicionário de Língua Moçambicana de Sinais*. Ministério da Coordenação da Ação Social: Maputo, Moçambique, 1995.

SILVA, M.C.C.M & FUNK, M.G.B. *A magia do silêncio: Como falar com as mãos*. Governo Regional dos Açores: Ponta Delgada. Portugal, 1999.

STERNBERG, M.L.A. *American Sign Language Dictionary*. Harper Perennial: Nova Iorque, Estados Unidos da América, 1998.

WORLD FEDERATION OF THE DEAF. *A handbook on international sign*. Fesord, Faxpg, Faxpg & WFD: Corunha, Espanha, 2007.

# Desenvolvimento e implementação de material bilíngue de Ciências Naturais para alunos surdos<sup>1</sup>



*Paula São Pedro<sup>1</sup>  
Miguel Augusto Santos<sup>2</sup>*

## Resumo

Em Portugal, o ensino a prestar a alunos surdos está regulamentado pelo Decreto-Lei nº 3 de 7 de janeiro de 2008 que especifica que a educação das crianças e jovens Surdos deve ser feita em ambientes bilíngues que possibilitem o domínio da Língua Gestual Portuguesa (LGP), o domínio do português escrito e, eventualmente, falado, competindo à escola contribuir para o crescimento linguístico dos alunos Surdos, para a adequação do processo de acesso ao currículo e para a inclusão escolar e social. Desta forma torna-se necessário que as Escolas de Referência para o Ensino Bilíngue de Alunos Surdos (EREBAS) adotem estratégias de ensino adequadas e condizentes com a filosofia decretada.

Uma vez que a quase totalidade do material didático utilizado no sistema educativo se encontra em Língua Portuguesa, segunda língua da comunidade surda, os alunos Surdos encontram uma dificuldade acrescida no estudo das matérias lecionadas. Este trabalho relata uma intervenção numa EREBAS onde foi objetivo primordial mostrar a relevância da existência de material bilíngue nesta área disciplinar, para incentivar o estudo dos alunos e consequentemente os seus resultados académicos. Durante um período de tempo pré-determinado, foi fornecido aos alunos material bilíngue da matéria lecionada para que estes pudessem ter acesso aos conteúdos programáticos na sua primeira língua em espaços particulares de estudo. O impacto desta medida foi medido de forma quantitativa tendo sido registradas as notas dos testes de avaliação e o número de vezes que os alunos participaram nas aulas antes, durante e após a implementação do material referido, para verificar se houve alteração

<sup>1</sup> Este artigo apresenta os principais aspectos apresentados no "Projeto em Educação", realizado no âmbito do Mestrado de Tradução e Interpretação da Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.

<sup>2</sup> Intérprete de Língua Gestual Portuguesa na Escola Básica Eugénio de Andrade. E-mail: paula.saopedro@gmail.com.

<sup>3</sup> Centro de Investigação e Inovação em Educação (iED) Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.

nos resultados trabalhados, assim como maior interesse por parte de alunos. De uma forma geral, os resultados obtidos apontam para alterações positivas tanto na variável participação como na variável classificações nos testes, o que nos leva a considerar que este tipo de material pode ser um fator positivo no processo de ensino-aprendizagem na educação de alunos Surdos. Concluimos, portanto, que será uma área de intervenção essencial para as trabalhadoras educativas encarregues da Educação de Surdos, especificamente para os intérpretes e formadores de LGP.

## Enquadramento teórico

Embora vários documentos oficiais estabeleçam a importância da Língua Gestual na educação dos alunos Surdos e, na prática, já tenha sido feito um grande progresso com a tradução das suas aulas para LG, não nos podemos esquecer de que os materiais utilizados se encontram em português, na sua forma escrita. Uma vez que a Língua Portuguesa é geralmente uma segunda língua para os alunos surdos, o facto de estudarem através de material numa segunda língua leva SIM-SIM (1999, p. 14) a afirmar que “quando a língua de escolarização não coincide com a língua materna do aluno, a criança terá dificuldades acrescidas e a escola vai ter de criar situações pedagógicas específicas para superar tais dificuldades”. Neste sentido, a compreensão do significado de determinadas palavras torna-se difícil, como no caso do vocabulário utilizado nas aulas de Ciências Naturais. Perante a complexidade por vezes utilizada nesta área disciplinar, Marinho (2007, p. 8) afirma que “a estrutura e a linguagem científica e os conceitos podem ser também complexos e abstratos. Isso faz com que as informações dadas por professores nas aulas de Biologia sejam difíceis de compreender”.

A língua natural para os Surdos é a Língua Gestual, e seria desejável que os alunos surdos tivessem os seus manuais na sua primeira língua. A complexidade surge pelo facto da língua Gestual ser uma língua visuo-motora, cuja produção se processa através dos gestos e expressões faciais e corporais, e cuja percepção se realiza através da visão. No entanto este não pode ser um fator impeditivo de sucesso para os alunos Surdos, como afirma Baptista (2011, p. 5), “a criança surda portuguesa tem de crescer num ambiente de LGP e tem de ter uma escola na sua língua e na sua cultura”. A língua Gestual é a forma de comunicação utilizada pelas pessoas surdas, sendo um elemento de transmissão de valores entre gerações (SIM-SIM, 2005) e, como qualquer outra língua natural, tem também a função de suporte linguístico para a estruturação do pensamento não podendo ser negligenciada na sua educação.

## **Apresentação do projeto**

### **Objetivos**

O ensino de alunos Surdos tem sido alvo de uma constante evolução ao longo dos tempos. Neste momento encontramos-nos perante um sistema educativo que defende a filosofia bilíngue como melhor resposta para estes alunos. Como cabe à escola encontrar respostas adequadas às necessidades dos alunos, este projeto teve como finalidade dotar os alunos Surdos de algo a que eles têm direito, uma educação verdadeiramente bilíngue, quer em situação de sala de aula quer em situações particulares de estudo. Pretendemos mostrar com este trabalho que é possível implementar este tipo de recursos no contexto de uma escola e que, com a sua aplicação, há uma melhoria no funcionamento escolar dos alunos surdos, em termos de aprendizagem e de participação.

### **Enquadramento metodológico**

Este projeto se enquadra num estudo de caso múltiplo, uma vez que a amostra é constituída por seis elementos e onde cada participante serve como seu próprio controle. Assumimos também um teor quase-experimental, pois embora exista manipulação efetiva da variável independente a amostra não foi escolhida de um modo aleatório (GONÇALVES & NUNES, 2005, p. 1).

Neste projeto trabalhámos com uma turma de alunos Surdos do 9º ano, selecionada em articulação com o docente da disciplina de Ciências Naturais. Foram identificadas como efeitos da nossa intervenção a participação e os resultados dos testes de avaliação, por serem estes os fatores que a docente mais valorizava na avaliação dos alunos.

O método utilizado para recolha de dados da variável participação foi a observação direta, tendo-se procurado observar o número de vezes que os alunos participam no decorrer das aulas de Ciências Naturais.

### **Participantes**

Este projeto teve como participantes os alunos Surdos que frequentam o 9º ano assim como os diversos profissionais que trabalham diretamente com a turma. Esteve envolvida a professora da disciplina Ciências Naturais, ficando sob sua responsabilidade toda a parte curricular; a diretora de turma, docente das salas de aulas de Acompanhamento ao Estudo onde foi possível observar se os alunos utilizavam o material bilíngue de Ciências Naturais como recurso ao estudo; um formador e duas intérpretes de Língua Gestual Portuguesa responsáveis pela tradução em LGP. Foram também estas duas intérpretes que procederam à recolha de dados nas três fases distintas de observação, uma vez serem estas as únicas profissionais capazes de reconhecer as duas línguas utilizadas no contexto de sala de aula.

A turma é constituída por seis alunos surdos com as seguintes características:

<b>Aluno</b>	<b>Tipo/ Grau de surdez</b>	<b>Idade</b>
Aluno 1	Surdez neurossensorial bilateral profunda	15
Aluno 2	Surdez neurossensorial bilateral profunda	14
Aluno 3	Surdez neurossensorial moderada/ severa no ouvido direito e profunda no ouvido esquerdo	15
Aluno 4	Hipoacúsia neurossensorial profunda bilateral	15
Aluno 5	Surdez neurossensorial severa	16
Aluno 6	Surdez neurossensorial bilateral profunda	17

Quadro 1. Caracterização da turma.

## **Instrumentos**

### **Variáveis dependentes**

Tendo sido este projeto pensado no âmbito da disciplina de Ciências Naturais, as variáveis estudadas foram uma decisão conjunta entre a investigadora e a docente da disciplina. Assim, as variáveis identificadas foram a participação dos alunos durante as aulas e os seus resultados académicos visto serem estes os dois fatores mais relevantes na avaliação destes alunos na disciplina em questão.

Para a variável Notas dos testes, a professora aplicou um teste de avaliação em cada fase do projeto para que pudesse ser objeto de estudo. Desta forma, os resultados das notas de cada fase foram fornecidos pela docente da disciplina e consistiam na percentagem obtida por cada aluno no teste.

### **Variável independente**

Sendo este projeto constituído por três fases, a variável independente foi a utilização do material bilíngue fornecido aos alunos Surdos, sobre a matéria lecionada nas aulas de Ciências Naturais e cuja construção se descreve mais à frente. Esse material foi apenas utilizado na segunda das três fases do projeto como estratégia para se medir o seu impacto.

## Procedimentos

Para que este projeto fosse concretizável, foi necessária a participação de diferentes profissionais, tendo cada um deles uma função específica. Um dos autores assumia as funções de intérprete de LGP pertencente à equipa educativa da amostra, tendo requerido a participação de outro intérprete da equipa que denominamos 2º intérprete.

Desta forma, a parte curricular da disciplina de Ciências Naturais inserida no *PowerPoint* foi da inteira responsabilidade da docente da disciplina que facultou todos os apontamentos que iria utilizar no decorrer das aulas. O docente da disciplina de Língua Gestual e a 2ª Intérprete de Língua Gestual deram o seu parecer quanto aos gestos a serem utilizados na tradução dos apontamentos assim como da imagem de vídeo. O facto do formador de LGP ser Surdo foi uma mais valia, uma vez que este possui o total domínio da língua gestual assim como é um bom orientador das estratégias que o intérprete pode utilizar para que o seu trabalho se torne mais fiel. Foi nas aulas de Acompanhamento ao Estudo que os alunos tiveram disponibilidade, durante a sua carga horária letiva, de estudarem através do material bilíngue.

Como dito anteriormente, este projeto foi constituído por três fases distintas de observação. Cada aula observada tinha como observadoras duas intérpretes de LGP. No final de cada fase a docente da disciplina de Ciências Naturais recorria a um teste de avaliação para avaliar a compreensão da matéria lecionada durante esse período.

## Construção do material bilíngue

A construção do material bilíngue necessitou da intervenção de diferentes agentes educativos até ao seu produto final. Em primeiro lugar, os apontamentos foram disponibilizados pela docente de Ciências Naturais, para que fosse possível inseri-los em *PowerPoint*. Depois de transcritos os referidos apontamentos, estes eram revistos e corrigidos pela docente e era colocado o número da página do manual de Ciências Naturais que os alunos deveriam consultar.

O passo seguinte foi, juntamente com o formador de Língua Gestual Portuguesa, esclarecer ou corrigir algum vocabulário específico da disciplina, ou em caso de inexistência de gesto oficial em LGP, definir qual a melhor estratégia de tradução. Neste caso, a docente da disciplina explicava o conceito de forma a ser encontrada a melhor tradução. De seguida era efetuada a tradução dos apontamentos para que a 2ª Intérprete desse o seu parecer quanto à tradução. Verificou-se que a 2ª intérprete sempre achou fiel a tradução dos apontamentos apresentados.

O material bilíngue era composto, na sua totalidade, por 17 diapositivos com as seguintes temáticas: Apresentação (neste diapositivo é apresentada a dinâmica do *PowerPoint*); Adolescência; Puberdade; Sexualidade; Reprodução; Caracteres

sexuais primários; Caracteres sexuais secundários; Caracteres sexuais secundários masculinos; Caracteres sexuais secundários femininos; Hormonas; Gâmetas; Gónadas; Função dos testículos; Constituição do espermatozóide; Ovócito; Orifício genital e urinário (homem); Orifício genital e urinário (mulher).

A ordem dos diapositivos foi decisão da professora, pois a disponibilização dos *PowerPoint* aos alunos estava dependente da leção da matéria. No final de cada aula eram enviados os diapositivos aos e-mails criados para o efeito, para os alunos terem acesso à matéria na sua própria língua. Refere-se também que os alunos podiam gravar nas suas *Flash drives* o material bilíngue, caso o quisessem utilizar mesmo não tendo acesso à internet.

Todos os diapositivos construídos tinham a seguinte organização:

Do lado esquerdo do *PowerPoint*, os apontamentos realizados pela docente de Ciências Naturais e o número da página do manual adotado pela escola, para os alunos se orientarem no manual escolar.

Do lado direito, acesso à tradução dos apontamentos em LGP. Salienta-se que o vídeo teria de ser inicializado através de um clique, podendo desta forma o aluno optar inicialmente pela leitura dos apontamentos ou pela tradução em LGP.

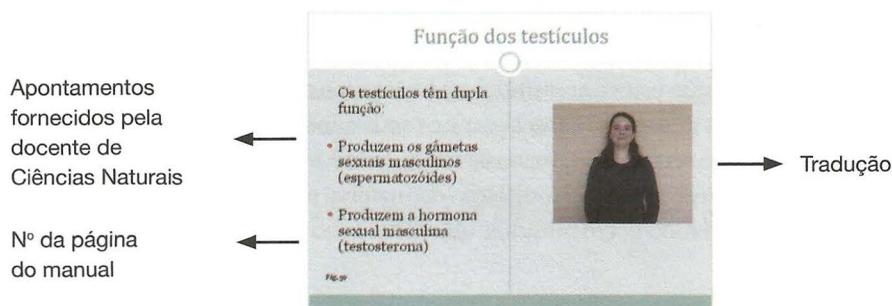


Figura 1. Produto final do material bilíngue.

### Apresentação dos resultados obtidos

Foi objetivo deste estudo analisar os resultados obtidos na participação e nas notas dos testes, centrando-se numa comparação quantitativa das diferentes variáveis nos diferentes momentos.

## Participação

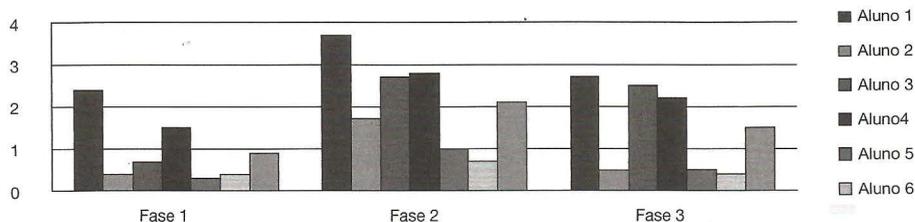


Figura 2. Resultado da média da variável participação.

Para a análise das participações foi realizada a média de cada aluno em cada uma das fases. Desta forma, verifica-se um aumento no número de participações de todos os alunos na 2ª fase e um decréscimo na 3ª fase. Assim, é possível refletir acerca dos efeitos deste projeto. O maior número de participações no decurso da 2ª fase sugere que, quando os alunos têm à sua disposição um conjunto de materiais que lhes proporcionam um maior conhecimento dos assuntos lecionados, demonstram uma maior frequência de comportamentos de participação na sala de aula, visível, por exemplo, no facto de os alunos colocarem questões pertinentes à docente.

## Tempo de estudo

O material bilingue esteve acessível aos alunos através de um e-mail criado para o efeito, e puderam gravar os *PowerPoint* nos seus suportes pessoais. Desta forma, os alunos tiveram ao seu dispor o material nas aulas de Acompanhamento ao Estudo para que fosse possível controlar a utilização do material no seu estudo. Os resultados obtidos são o tempo médio, em minutos, que cada aluno utilizou o material bilingue.

Aluno	Aluno 1	Aluno 2	Aluno 3	Aluno 4	Aluno 5	Aluno 6
<b>Tempo</b>	18.8	15.8	12.4	18.2	14.6	13.4

Quadro 2. Tempo médio, em minutos, que cada aluno utilizou o material bilingue.

Uma vez que a aula de Acompanhamento ao Estudo é utilizada para a realização de trabalhos de casa ou para estudo de uma forma autónoma, verifica-se que todos os alunos acederam ao material bilingue como suporte ao estudo na disciplina de Ciências Naturais, sendo por isso considerado um fator de interesse por parte de todos os alunos.

## Resultado das avaliações

Os resultados apresentados referem-se às cotações que os alunos obtiveram nos testes de avaliação, no final de cada fase.

### Notas dos testes

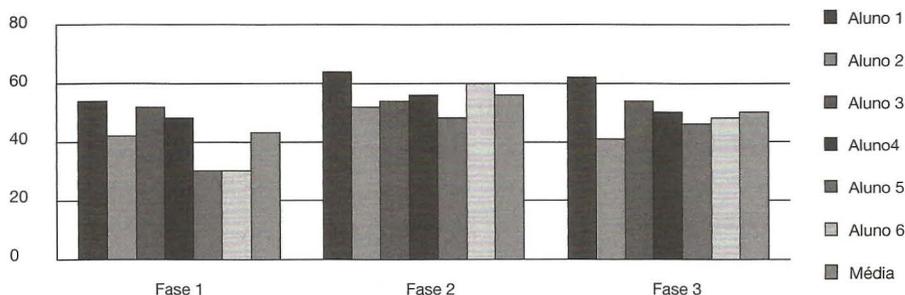


Figura 3. Resultados da variável notas dos testes.

Verifica-se que todos os alunos melhoraram as suas classificações na avaliação que a docente realizou no final da 2ª fase, sendo de realçar o Aluno 6 que duplicou a sua cotação. Tendo o aluno sido questionado pela docente da disciplina, ele afirmou ter utilizado em casa o material bilingue e que este o teria ajudado muito na compreensão da matéria. A docente sublinhou o desempenho deste aluno, pois desde que acompanha esta turma há três anos, nunca tinha obtido resultados como este. É de salientar que todos os alunos afirmaram ter utilizado o material como forma de estudo em casa, com exceção do Aluno 3 devido a avaria do seu computador. Na avaliação realizada no final da 3ª fase os alunos desceram as suas classificações, à exceção do Aluno 3 que manteve a cotação. Torna-se pertinente ainda referir que parte do teste apresentado na 3ª fase, estava relacionada com a matéria lecionada no decorrer da 2ª fase o que pode ter influenciado as notas da 3ª fase.

## Conclusões

Através deste projeto toda a equipa educativa envolvida constatou que a LG não é apenas o código adequado para o estabelecimento da comunicação professor-aluno e aluno-aluno, mas é uma ferramenta importante na assimilação dos significados, na formação de sentido e na conseqüente estruturação do pensamento para os Surdos.

É observável, através dos resultados apresentados, que as duas variáveis estudadas sofreram alterações positivas no decorrer da segunda fase, i.e., aquando da implementação do material bilíngue. Tanto a variável participação como a variável classificações nos testes apresentaram resultados superiores, o que nos leva a considerar que este tipo de material pode ser um fator positivo no processo de ensino-aprendizagem na educação de alunos Surdos.

A construção do material exigiu o contacto e partilha entre diferentes profissionais o que revelou ser uma mais-valia no estabelecimento de relações positivas entre uma equipa educativa. Foi criado um melhor ambiente de trabalho e aprofundou-se o conhecimento das especificidades de cada profissional tendo tomado consciência de que o sucesso educativo é fruto do trabalho contínuo entre os diferentes profissionais.

### Referências bibliográficas

BAPTISTA, Maria Madalena. Alunos surdos: Aquisição da Língua Gestual e ensino da Língua Portuguesa. *Exedra*, 9 de março de 2010, 197-207.

GONÇALVES, José Abílio, e NUNES, Maria Teresa. *Estilos de investigação: Estudos Quasi-experimentais*. Lisboa: Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, 2005.

MARINHO, Margot Latt. *O ensino da biologia: o intérprete e a geração de sinais*. Tese de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2007. [Orientado por Prof. Dr<sup>a</sup> Orlene Lúcia de Sabóia Carvalho].

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Decreto de Lei nº 3/2008 de 7 de janeiro. *Diário da República nº 4/7 — 1ª Série*. Lisboa.

SIM-SIM, Inês. In: *O aluno surdo em contexto escolar: as especificidades da criança surda*, by Ana Maria Capa, et al., p. 12-17. Lisboa: Ministério da Educação, 1999.

SIM-SIM, Inês. In: *A criança surda: contributos para uma educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gullbenkian, 2005.

## Aconteceu



Mesa de abertura do II Congresso Internacional de Educação de Surdos, em Lisboa.

Em maio deste ano, o Instituto Nacional de Educação de Surdos esteve presente, representado pelos profissionais Prof. Valdo Ribeiro da Nóbrega e pela Fonoaudióloga Mônica Azevedo de Carvalho Campello, em visita técnica a Portugal, no Instituto Jacob Rodrigues Pereira, em Lisboa, e no Agrupamento Vertical Eugénio de Andrade, escola de referência para a educação bilíngue de alunos Surdos, na cidade do Porto. Além de participarem como palestrantes convidados no II Congresso Internacional de Educação de Surdos, em Lisboa, com os temas “O Projeto Político Pedagógico do INES numa perspectiva de ensino bilíngue”, “Os profissionais surdos na educação bilíngue” e “Do Diagnóstico à Intervenção: o trabalho do fonoaudiólogo dentro do contexto bilíngue”.



Palestra do Professor Valdo Ribeiro da Nóbrega.



Debate após a palestra do Professor Valdo Ribeiro da Nóbrega.

O II Congresso Internacional de Educação de Surdos contou também com a palestra gravada da Professora Solange Maria da Rocha, Diretora Geral do INES, com o tema “Instituto Nacional de Educação de Surdos: presença na educação pública brasileira”, firmando essa aproximação para futura parceria que poderá abrir espaços para intercâmbio dos alunos e profissionais das instituições.

Valdo Ribeiro da Nóbrega e Mônica Azevedo de Carvalho Campello participaram também de reuniões com a Unidade de Investigação do Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira (CEDJRP) e com diversos profissionais das equipes de Intervenção Precoce, do Departamento de Educação Especial (DEE), do Serviço Técnico de Apoio Socioeducativo (STASE), com os professores dos 2º e 3º ciclos do CEDJRJ e com os terapeutas da fala para troca de experiências e aprofundamento nas questões referentes ao Ensino Bilíngue. Nessa ocasião estiveram presentes também em algumas atividades conhecendo importantes projetos desenvolvidos nas duas instituições.



Reunião com a equipe de Intervenção Precoce, do Departamento de Educação Especial (DEE).



Reunião com a equipe do Serviço Técnico de Apoio Socioeducativo (STASE).



Reunião com o grupo de Terapeutas da Fala (Fonoaudiólogas).



Após as Palestras para Profissionais no Agrupamento Vertical Eugénio de Andrade, na cidade do Porto.



Apresentação dos alunos do Instituto Jacob Rodrigues Pereira, em Lisboa.



Alunos e profissionais do Instituto Jacob Rodrigues Pereira, em Lisboa.

# Normas para publicação na revista Arqueiro

---



A revista Arqueiro tem como missão divulgar práticas relacionadas à educação de surdos e à educação especial. Os interessados devem enviar os artigos para o endereço [conselhoeditorial@ines.gov.br](mailto:conselhoeditorial@ines.gov.br) obedecendo ao seguinte padrão editorial:

- título em negrito centralizado;
- identificação de autor ou autores, com e-mail e instituição de origem, logo abaixo do título, em fonte tamanho 10, do lado direito da página;
- citações e bibliografia de acordo com as Normas da ABNT;
- formatação em papel A4; margens superior e inferior com 4,5cm; margens direita e esquerda com 3cm;
- extensão de cada matéria com, no mínimo, seis páginas e, no máximo, com dez páginas;
- corpo do texto com fonte em Times New Roman, tamanho 12 e alinhamento justificado.

Os trabalhos serão submetidos à Comissão Editorial do INES, que revisará os que forem aprovados.

**Instituto Nacional de Educação de Surdos**

**Comissão Editorial**

Rua das Laranjeiras, nº 232 — 3º andar  
Rio de Janeiro — RJ — Brasil — CEP: 22240-003  
Telefax: (21) 2285-7284 / 2205-0224  
E-mail: conselhoeditorial@ines.gov.br



Aula de linguagem das classes adiantadas  
Década de 30 - INES

Realização

**Instituto Nacional de Educação de Surdos**

**Ministério da Educação**

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA